



Nos
porões
das
palavras
Primeiro tcholona di tambur

Firkidja di no Kampada (Org.)

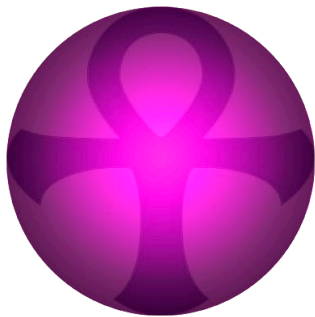


Contextualmente, toda obra literária faz parte de uma trajetória do vivido, de experiências e ambivalências sociais, culturais e políticos aos quais a própria obra e o poeta estão intimamente inseridos e historicamente relacionados. Para contextualizar “Nos Porões das Palavras”, que reúne uma coletânea de djuntamon de poemas originais, é preciso registrar a presença de movimentos literários e organizações da cultura, assinalando a atuação política de intelectuais e artistas que desde a segunda metade do século XX trazem ao público, numa literatura ainda em construção e variada, a afirmação dos valores culturais do povo guineense ao lado de críticas de cunho político social. De forma sintética, os poemas celebram o amor, tanto do ponto de vista de relações efetivas com a terra, rios, florestas e famílias, quanto reveladora de “dispidadas”, angustias, ambiguidades, trajetórias, tensões, conflitos, latentes e explícitos, “fofocas” etc. Juntam-se, nesse íntimo, sentimentos comuns e percursos particulares ambivalentes em cuja estampa coloca à disposição do público leitor uma abordagem poética rica retratada com a estética de panu di pinti e letras de cantigas-ditos de mandjuandades que preserva as especificidades identitárias e respeita a alteridade genuína em que se constituiu conexões África-Brasil através da presença viva de mulheres djakankas que reinventam-se as suas condições de produção poética, interpelações e manifestações de suas subjetividades artísticas do ato literário do sentir, do criar, do refletir e do pensar a literatura guineense.

Ricardino Jacinto Dumas Teixeira



Nos porões das palavras



SÉRIE NOVOS ESTUDOS AFRICANOS

Diretores da série:

Prof. Dr. Bas´Ilele Malomalo (UNILAB)
Prof. Dr. Mbuyi Kabunda Badi (FCA/UAM - Espanha)

Comitê Editorial Científico:

Prof. Dr. Acácio Almeida Santos (UFABC)
Prof. Dr. Alfa Oumar Diallo (UFGD)
Prof. Dr. Aghi Bahi (UFHB-Costa de Marfim)
Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca (UNESP)
Profa. Dra. Denise Dias Barros (USP)
Profa. Dra. Fábila Barbosa Ribeiro (UNILAB)
Prof. Dr. Manual Jauará (UNIFal-MG)
Prof. Dr. Franck Ribard (UFC)
Prof. Dr. Germain Ngoie Tshibambe (UNILU-RDCongo)
Prof. Dr. Henrique Cunha Junior (UFC)
Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi (UFS)
Profa. Dra. Lorena Souza (UFMT)
Prof. Dr. Kalwanga Kya Kapintango-a Samba (UNEMAT-Brasil)
Profa. Dra. Maffia Marta Mercedes (UNLP-Argentina)
Prof. Dr. Maguemati Wagbou (UNC-Colombia)
Prof. Dr. Pedro Acosta-Leyva (UNILAB)
Prof. Dr. Salloma Jovino Salomão (FSA)
Prof. Dr. Sérgio Luís Souza (UNIR)

Nos porões das palavras

Primeiro Tcholona di Tambur

Firkidja di no Kampada (Org.)



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Estudos Africanos - 11

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Firkidja di no Kampada (Org.)

Nos porões das palavras: Primeiro Tcholona di Tambur [recurso eletrônico] / Firkidja di no Kampada (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

145 p.

ISBN - 978-85-5696-596-7

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. África; 2. Cultura; 3. Poema; 4. Poesia; 5. Literatura; I. Título II. Série

CDD: 896

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura africana

896

Onde tem Firkidja tem poesia
Onde tem Firkidja tem alegria
De nossa kampada para o mundo...

Palavras bem tecidas são difíceis de serem esquecidas.

Agradecimentos

Como os habitus são fortemente associados à cultura de qualquer povo no mundo cujo o seu etos, ontologicamente, é diverso e que se configura, filosoficamente, de acordo com a própria cosmovisão da qual orienta as relações sociais e culturais de uma dada nação em que o seu passado pode ser filmado com as câmeras da literatura e ser arquivado na memória tanto dos velhos como também dos mais novos.

Sendo estes últimos, aqueles que poderiam olhar a riqueza que tal passado apresenta em forma da energia que lhes simboliza histórias de lutas a serem ainda desencadeadas pelos mais novos. É nesta tônica que orgulhamos do nosso passado literário, dos *balentes*, *fidjus de djagras* e *djakakas* (homens e mulheres resistentes) que hoje sentimos a responsabilidade de dar a continuidade com a obra que nos incumbiram enquanto seus sucessores literários.

Desta forma, praz-nos dizer que os nossos primeiros agradecimentos são profundamente direcionados aos nossos heróis literários que iniciaram, com o espírito da *guineendade*, a construir a riquíssima literatura guineense. Isso implica dizer que esta obra se caracteriza pela ação de *djuntamon*, começado dentro do grupo *firkidja di no kampada* até adquirir outras análises importantes no campo literário que para nós seria injusto não agradecermos à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) da qual foi o palco da inspiração do grupo. Igualmente, agradecemos ao programa Vozes de D'África e a sua equipe em especial a coordenadora profa. Dr.^a Artemisa Odila Candé Monteiro e Professor Dr. Ricardo Ossago De Carvalho Junior.

Em seguida, agradecemos ao Professor Dr. Lourenço Ocuni Cá, Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira, Editora Série Novos Estudos Africanos e particularmente ao prof. Dr. Bas'lele Malomalo. Enfim, agradecemos ao Farã Vaz, estudante de mestrado na UNILAB, e à Associação de Estudantes Guineenses na UNILAB (AEGU), de mesmo

modo, estendemos os nossos agradecimentos às outras entidades que de certa forma, direta ou indiretamente, ajudaram na edificação do grupo e na realização desta obra “***Família Unilabiana***”.

Sumário

Prefácio	13
Ricardino Jacinto Dumas Teixeira	
Apresentação	20
Bas´Ilele Malomalo	
Introdução	21
Esperança	26
Amor	38
Valor da mãe: Cotidiano de mulher guineense, exaltação da mulher	50
Saudades.....	63
Crítica social, crítica política e crítica colonial.....	67
Miskinhu “lamento”	75
Afirmação identitária “negritude”	89
Exortação.....	100
Sonho.....	106
Dispídida “despedida”	110
Canto à Guiné-Bissau, à Guineendade e ao povo guineense	112
Unilab.....	120
Liberdade.....	124
Canto à terra e ao poder sobrenatural	126
Um instrumento poderoso	129
Complexidade do “eu”	133
Ilusão.....	136
Gratidão.....	138
Bibliografia dos/as autores/as	140

Prefácio

*Ricardino Jacinto Dumas Teixeira*¹

Contextualmente, toda obra literária faz parte de uma trajetória do vivido, de experiências e ambivalências sociais, culturais e políticos aos quais a própria obra e o poeta estão intimamente inseridos e historicamente relacionados. Para contextualizar “Nos Porões das Palavras”, que reúne uma coletânea de djuntamon de poemas originais, é preciso registrar a presença de movimentos literários e organizações da cultura, assinalando a atuação política de intelectuais e artistas que desde a segunda metade do século XX trazem ao público, numa literatura ainda em construção e variada, a afirmação dos valores culturais do povo guineense ao lado de críticas de cunho político social.

A década de 1900 inaugura o início da história da literatura guineense. É a data em que Marcelino Marques de Barros, escritor, precursor da literatura guineense (que adquiriu os padrões da língua, da religião e da cultura portuguesa), inicia, no contexto de sistema colonial português, suas reflexões literárias, esboçadas pelo autor em seu livro “A literatura dos Negros”, de 1900, como manifestação de contestação da imagem “extrovertida” que a política assimilacionista e colonialista nos legou da dita “Guiné Portuguesa”, isolada, exótica e inexistente como fato histórico, antes da presença dos europeus. Essa visão lusocêntrica

¹ Docente da UNILAB e pesquisador junto ao Council for the Development of Social Science Research in Africa (CODESRIA), em Dacar; ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, na Guiné-Bissau (INEP); ao Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), em Portugal. É autor do livro ‘Sociedade Civil e Democratização na Guiné-Bissau’ (Editra UFPE, 2010) e ‘Cabo Verde e Guiné-Bissau: as relações entre a sociedade civil e o estado’ (Editora UFPE, 2015). Atualmente, é coordenador do ‘Seminário de Sociologia Africana e do ‘Observatório de Estudos da Democracia Guiné-Bissau, Brasil e Cabo Verde’, tema de sua tese de doutorado e sobre a qual possui artigos publicados sobre a democracia.

estabeleceu fronteiras entre “civilizados” e “indígenas” e tentou ocultar as dinâmicas internas da sociedade guineense, anteriores a essa chegada.

As contribuições literárias do guineense Marcelino Marques de Barros marcaram profundamente as mudanças e o desenvolvimento posteriores que literatura guineense passou a ganhar. Não obstante, apesar do forte conteúdo crítico literário de Marcelino, no contexto em que sua literatura tomou corpo, apenas 1% de toda população da atual Guiné-Bissau podia vangloriar-se de possuir alguma educação elementar e só 0,3% tinham alcançado a situação de assimilado e podiam esperar ir um pouco mais além. Havia apenas uma escola secundária oficial, mas cerca de 60% dos seus alunos eram europeus.

Não existia qualquer educação superior. Até 1960, apenas 11 africanos da Guiné colonial haviam atingido uma licenciatura – e todos como “portugueses assimilados” em Portugal, em oposição a população “indígena”, os grupos étnicos. Apoiada pelas missões católicas, a educação colonial, quer dos “civilizados”, quer dos “gentios”, tinha como objetivo expandir um reservatório de colaboradores nacionais capazes, com um mínimo de educação e conhecimento, manter intactos os interesses colonialistas na atual Guiné-Bissau.

A hierarquização étnico-racial era muito mais visível entre a população indígena, grupos étnicos, quando comparado aos “privilégios” educacionais dos grupos “civilizados”. Nessa política de dominação, algumas etnias, ao serem submetidas aos interesses colonialistas, foram escolarizadas para facilitar certas tarefas administrativas, enquanto outras foram excluídas ou renunciaram à escolarização colonial de seus membros e, por consequente, viam a etnia escolarizada como estando a serviço dos interesses coloniais.

Nos Boletins Oficiais, fonte da historiografia colonial e editado entre os anos de 1870 e 1974, as resistências locais dos grupos étnicos (ou gentios) eram vistas como ausência de colonização e de evangelização dos indígenas.

Só em 1951, meio século depois, surge o primeiro poema registrado, na atual Guiné-Bissau, do escritor e político revolucionário guineense, de autoria de Vasco Cabral (1926-2005). Esse movimento inaugurado por Vasco Cabral, meio-irmão de Luís Cabral por parte materna, ganhou força, posteriormente, nos anos 1970, a partir da contribuição de jovens “poetas revolucionários”, que esboçaram, numa coletânea de textos engajados, seus sentimentos de “rebeldia” literária, social e política contra o regime colonial como forma de acudir os ideais do movimento nacional contra o colonialismo, bem como dos males por ele acarretado, colocando, em seu lugar, uma nova literatura que visasse reforçar e enaltecer a identidade nacional de uma “nação forjada na luta” para a formação de um “homem novo”, com plena consciência da ideologia do movimento revolucionário.

É com base nessa literatura, politicamente engajada, de mobilização vanguardista nacional-popular, que, nos anos 1960-1970, girou grande parte da produção literária guineense, no período pós independência. Nessas obras, os “poetas da revolução” voltaram à “origem” para interior daquilo que se convencionou chamar de guineendade, um movimento nacional de expressão cultural da identidade guineense com maior incidência entre os grupos falantes do *kriol*, como a segunda língua falada do país, depois das línguas étnicas, língua de comunicação especialmente entre os mais jovens dos grandes centros urbanos da atual Guiné-Bissau: Cacheu, Bissau, Bafata e Bolama.

Do ponto de vista analítico podemos considerar que um dos pontos significativos evidenciado em poemas na presente obra de “Firkidja di Nô Kampada” é a ressignificação das duas línguas: o *Kriol*, a língua local, de comunicação interétnica, de unidade nacional que serviu de base para a luta de libertação nacional, e o português, a língua oficial, herdada da pedagogia colonial assimilacionista, invasora, considerada língua oficial própria do país, que, no contexto colonial, fora propagada/imposta em nome do processo civilizador perpetuado pelos missionários na África, sobretudo, no âmbito conjuntural guineense.

Não obstante apropriações de duas línguas, no contexto pós colonial, novos sentidos linguísticos foram articulados, novos significados culturais e étnicos foram incorporados e redefinidos, dando vez e voz formas de enunciação poéticas, por vezes associadas, no âmbito estilístico de poemas, com sentimentos de desencantamento derivado do quadro atual sociopolítico do país, ao mesmo tempo em que incitam o renascimento da Mãe Guiné, “Firkidja”, que representa símbolo de uma mulher “prisoneira na sua própria casa”, mas também de uma mulher djakanka, corajosa, guerreira, menina que cresceu e virou mulher entre dois grande polões, entre vários polos, determinada a seguir seus desejos e suas liberdades. Mulher que, “mesmo sem braço”, aprendeu a voar sozinha, do rio corubal até as florestas de kassaka; aprendeu a ser mulher firkidja carregando a criatividade com ordidja (turbante de resistência da mulher guineense, africana e negra).

O contexto em que estes poemas tomam corpo é sociologicamente e esteticamente relevante, marcado pelo descaso com a coisa pública: de “candidatos sem caneta”, “sem folha”, “desnorteados”, “desconhecedores da língua e da cultura de tabanka” (aldeia). Nesse bojo crítico social, o caminho proposto é o “sonho”, a “crítica” e “autocrítica” (isto é, o questionamento) da razão de ser e de sentir poético sob as luzes do brilho híbrido dos olhos das Mães Bideiras, a essência, que combina a alegria e a tristeza, os sabores e os dessabores, a luta e a conquista, o sagrado e o romântico, da Mama, do chão e da nação.

A literatura poética de fidjus di bideras encontra em *kriol* e em português um jeito singular de expressar suas experiências vividas, liberdades, trajetórias, angústias, ambivalências, decepções, geradoras de traições e tensões, de forma particular e distinta, em que a herança étnica e a subjetividade poética são trazidas para o interior da língua do colonizador invasor para uma análise poética criadora da liberdade e da loucura, pois, enquanto poeta [da loucura], “já pensei em coisas pensáveis, mas não reveláveis. Já pensei em abraçar a [imagem da] negra nua [simbolizada em frente da [UNILAB] e andar pelado pela rua,

experimentar a verdadeira liberdade de externar o meu eu que o mundo nunca conheceu”. Este modo de conceber a loucura e a liberdade traz implicações não só para a compreensão daquilo que é “exorcizado” [celebração do poeta] como, também, a evidência da dificuldade de integração sociocultural que lhe impediria o exercício pleno da liberdade decorrente da natureza aprisionada e ambígua do eu lírico presentes em diversas poesias em Nos porões das palavras: Primeiro tcholona de tambur.

Por detrás dessa impossibilidade de exorcizar o sentido pleno da liberdade em decorrência do aprisionamento da palavra, aparentemente desalentador, esconde-se um otimismo resiliente de firkidjas da juventude, “refletindo, lendo, escrevendo” e procurando entender os clamores da Mama Guiné, “sacrificando para pensar melhor” e cultivando novas *kampadas* de possibilidades porque sabem, modestamente, que têm potenciais para fazer face aos novos desafios de transformações estruturais de sentimentos e práticas, cotidianamente, enquanto poeta e poetisa africano guineense [...] *tem ku pega tessu pa paga sikhon* (dar sua contribuição à terra), *pa firmanta* (edificar) seu torrão que se chama nação *mandjuandade, de djuntamon*, nos porões da palavra guineidade, porquanto, como disse um poeta, “Guiné Somos nós até depois da esperança”. Isso porque o poeta “kirsi” (cresceu), clama por *djutamon* (unidade na diversidade), sob toque de tambor anunciando novos *lante-ndans, binin-ndans* [valentes], *pa firkidjas di no Kampada pudi dado se balur, ki etem diritu* [para que a Guiné possa usufruir de seu devido valor histórico, a que tem direito sua gente, na Guiné e nas suas diásporas].

O conjunto de versos e poemas insere-se em um contexto distinto de constelação de sentimentos, por exemplo, o desejo atual do pluralismo de ideias e da democratização da sociedade para além de referências hegemônicas, de modo que a questão geracional (sobretudo a ideia da consagração social e política suprema dos mais velhos), começa a ser questionada, resignificada e readequada na atualidade como forma de tentar enfrentar os novos desafios, uma vez que a urgência de mudança

estrutural pressupõe a ampliação de espaços e a ressignificação da ideia de luta de libertação para a inclusão de outras “comunidades imaginadas” na nova nação emergente, em particular a juventude guineense, com a participação de todos guineenses, tanto no país quanto no exterior.

Os *fidjus* de *dibideras* fazem referência aos renomados líderes africanos, clamando figuras como Amílcar Cabral, Titina Silá, Carmem Preira, Nelson Mandela, Kwame Nkrumah, reimaginando um passado “renomado” que marcou o imaginário anticolonial “glorioso” da revolução, para logo em seguida questionarem: “onde está a África?” Para quando a África imaginada da musicalidade, de danças de tina, de mandjuandades literárias como “fator e fato de cultura”, termo cunhado por Amílcar Cabral. A ênfase cultural de mandjuandades aproxima-se à dos grupos de *axé*, de *candomblé*, que a “Bahia cante e encante na encruzilhada de sons de tambores” que expande e encanta a humanidade e a modernidade negra. Esse viés poético levaria não só ao questionamento do colonialismo, mas também a contestação da visão dominante e essencialista da cultura com alta cultura, daí a importância da diversidade cultural como expressões literárias e artísticas que caracterizam um conjunto de significados e sentimentos relacionais às características específicas da sociedade e da cultura vivida de mandjuandade e do *axé*, presentes na África e no Brasil, por exemplo, dentre outras culturas específicas presentes no mundo afora.

Das diversas formas de textos líricos, de pendor crítico ou estético, há aqueles que retratam as experiências pedagógicas enriquecedoras na diáspora e as contradições da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), atualmente com maior incidência de estudantes guineenses no exterior em nível de graduação e pós-graduação, paradoxalmente, fora das estruturas educacionais do país de origem de estudantes guineenses, autoras e autores de textos que resultaram nessa coletânea de poemas. É um contexto novo, diferente da época colonial e pós independência, em que o acesso ao ensino superior era (e ainda é) privilégio de uma elite letrada dominante e seus descendentes natos,

aprofundando, deste modo, o antigo dualismo educacional entre “civilizados” e “gentios” herdados do sistema de ensino colonial e aprofundado em outras formas no contexto pós independência até a atualidade, com a democratização em curso.

De forma sintética, os poemas celebram o amor, tanto do ponto de vista de relações efetivas com a terra, rios, florestas e famílias, quanto reveladora de “dispididas”, angústias, ambiguidades, trajetórias, tensões, conflitos, latentes e explícitos, “fofocas” etc. Juntam-se, nesse íntimo, sentimentos comuns e percursos particulares ambivalentes em cuja estampa coloca à disposição do público leitor uma abordagem poética rica retratada com a estética de *panu di pinti* e letras de cantigas-ditos de mandjuandades que preserva as especificidades identitárias e respeita a alteridade genuína em que se constituiu conexões África-Brasil através da presença viva de mulheres djakankas que reinventam-se as suas condições de produção poética, interpelações e manifestações de suas subjetividades artísticas do ato literário do sentir, do criar, do refletir e do pensar a literatura guineense.

Apresentação

*Bas 'Ilele Malomalo*²

É com grande alegria e esperança que a Série Novos Estudos Africanos acolhe a publicação dessa coletânea de poema do Grupo de Poetas Guineenses que conta com uma boa parte de sua representação na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Alegria porque com essa coletânea junto com o diretor da Editora Fi inauguramos a publicação de obras poéticas voltadas ao mundo africano e afrodiáspórico. Esperança porque são jovens que nos procuraram para concretizar o seu sonho que é o nosso.

A Série Novos Estudos Africanos, dentre outros de seus objetivos, busca tornar visível o pensamento negro que se expressa através de textos científicos, literários e artísticos. O livro **“Nos Porões das Palavras: Primeiro Tcholona di Tambur”** de Firkidja di ño Kampada (Alicerce da nossa geração) traz as reflexões e sensibilidades de jovens poetas e poetisas guineenses que giram em torno desses temas: esperança, amor, valor da mãe, cotidiano da mulher guineense, exaltação da mulher, saudades, crítica social, crítica política, crítica colonial, miskinhu “lamento”, negritude, exortação, sonho, dispidida “despedida”, canto à Guiné-Bissau e à guineendade, ao povo guineense, Unilab, liberdade, canto à terra e ao poder sobrenatural, um instrumento poderoso, complexidade do “eu”, ilusão e agradecimentos.

² Editor da Série Novos Estudos Africanos; Docente da UNILAB, Fundador do IDDAB

Introdução

Associado ao espírito nacional que ao longo dos finais do século XX desenterrou-se dos subterrâneos da opressão colonial para se erguer e afirmar o aparato literário nacional com base nos valores culturais identitários do povo guineense. A coletânea *Nos Porões das Palavras: Primeiro Tcholona di Tambur* representa a continuidade desse vento que desde 1951 soprou-se com Vasco Cabral, Pascoal D´Artagnam Aurigemma, James Pinto Bull e atravessando Carlos Semedo e alcança a plenitude da geração de combate de José Carlos Schwarz, António Soares Lopes Júnior, Agnelo Augusto Regalla, Francisco Conduto de Pina, António Baticã Ferreira, Tavares Moreira, Armando Salvaterra ... nos anos 70, e que ainda segue o zigzaguar do destino do nosso povo que ora nostálgico, ora próspero.

Tal como foi no íngreme dos tempos demarcados com a escravização e a negação da Humanidade aos povos “periféricos”, os corações dos jovens nacionalistas e anticolonialistas ferveram-se na panela literária, nos espaços endógenos, de corpo e alma e com vozes firmes gritaram contra a exploração, violência, injustiça e abusos coloniais. Exigindo que a manta da liberdade e de humanismo encobre o seu povo subjugado à margem do direito a diferença e a diversidade cultural.

Nessa inércia aos incômodos insuflados pela aventura marítima europeia, escancare antologia poética *O Poilão* em 1973; *Mantêhas para quem luta* 1977; *Momentos primeiros da construção* 1978; *Antologia dos jovens poetas* 1978; *Os caminhos da revolução* 1979. E mais tarde, no galopar das crises germinadas nos efeitos amargos do movimento reajustador da década de 80 estamparam *Antologia poética da Guiné-Bissau* em 1990; *O eco do pranto* 1992. Nos degraus do final da primeira

década do século XXI, entre outras coletâneas, fixa-se a antologia poética de jovens guineenses, *Traços no Tempo* 2010.

Hoje nossos corações e espíritos atordoados do sofrimento do povo, que parece ser condenado eternamente ao calvário, exterioriza, sem aldrabar a esperança em cada cidadão, por meio desta antologia, tal como fez gerações anteriores, a sua indignação com tresloucadas instabilidades políticas que venenam a estabilidade econômica, social, roubando o pão e a alegria nas faces das crianças, jovens, mães, pais, ensuma, sociedade guineense.

Com forte dor no coração o poeta Mamadu Nanque lamenta: “*Ao acordar do sol, na lua/ silêncio estimula pela falsidade/Que explica por si as caras que/transformam no sentido verdadeiro/ [...] Sem voz para explicar crueldades (...)*”. Outro choro da dor vem do poeta Emilio Junior: “*Guiné-Bissau, o teu silêncio me dá fadiga, que os meus olhos se gritam da dor e a desgraça que tormenta os sofrimentos dos inocentes debaixo da vingança*”.

Não obstante, de forma alguma nos apetece balancearmo-nos, aqui, às outras publicações poéticas pretéritas, no entanto, a nós alegra contribuir na reflexão da nossa sociedade e, deste modo, nutrir a literatura editorial da Guiné-Bissau que as mazelas colônias, vistas não só na instalação tardia das infraestruturas escolares no país, mas também no estatuto do indigenato, tolheram a sua edificação e consolidação no momento oportuno.

Com todo amor, esclareça-se que jamais nos resume apenas nos agrestes comportamentos que insistem em embromar injustamente o progresso e fundar a nação cada vez mais nas águas do sofrimento infinito e subdesenvolvimento perpétuo, entretanto, as vivas identidades nacionais, a África, a união, e a determinação respiram sadiamente ***nos Porões das nossas Palavras neste primeiro Tcholona do nosso Tambur.***

A fertilidade e a força das nossas mães como podemos sentir o vibrar do lírico da Mariama Cassamá: “*Mãe/ Esse nome tão simples,/ Mas com*

grande significado/ [...] sou uma pequena poetisa/Mas isso não me impediria de pegar numa caneta/ Explicando para o mundo/ Onde sai a energia que me alimenta (...); o nacionalismo não escapa o eu poético do Jeremias Demba que canta: “A nossa terra a nossa *firkidja*/ Terra minha, Terra nossa,/Terra mãe, musa amorosa, linda/encantadora que transborda rosa! A guineidade é hasteada no drama de Eugênio Nunes Correia: “Guiné Somos nós até depois da esperança/ Mesmo que tarda a bonança/ Somos nós até que chegue, chegará/Até que a dor passe, passará (...).

Os véus da prosperidade, solidariedade e da igualdade nos encobrem nos sopros dos versos líricos do poeta Afonso José Mendes: “*Eu que sonho, nada será impossível para mim/ Eu corro atrás dos meus sonhos/ [...] corro atrás da Liberdade e da Prosperidade/ [...] atrás da Igualdade e da Solidariedade/ [...] Porque em uma vez, há mais de uma vez de tantos anos (...).*

As riquezas do continente mãe, berço da Humanidade, irrigam as emoções saltitantes da alegria e tristeza da caneta literária da poetisa Wilma João Nancassa Quadé que, neste ***Tcholona di Tambur***, reafirma a nossa ligação com o nosso habitat: “*África/ [...]Mar de melanina/ Gratidão da história esquecida/ Berço da Humanidade/ África de ouro, mina, marfim e diamante/ [...] Museu da Arte viva/ Reino da Sabedoria/ [...] Terra de culturas, de tradições e de línguas/ Eu sou a África (...).*

O segredo de amor lúcido descobrido num entre lugar de amar desenterra a esperança e gritos orgulhosos, iluminando a vida escura da lírica da poetisa Anilsa Lima Almeida “*Sabendo que o amor verdadeiro existe, quando te conheci/ Amando eternamente a tua tempestade de Amor/Incondicionalmente, arrancou o meu...nafragando/[...] Brilhando a vida escura é o teu...iluminou a minha caverna (...)*”.

A gratidão, a valorização cultural e entre outros valores constituem idiosincrasias que sustentam a sanidade dos líricos na *Tcholona di Tambur* nas danças de *Gumbé*, *Tina*, *Djambadon*, *Kusundé* da plêiade da ***Firkidja di nô Kampada***.

É com honra e imenso prazer que produzimos e costuramos diversas inquietações e sentimentos emocionantes, porém comprometidos com o bem estar social do nosso povo para apregoar o fruto da nossa grande cabaceira UNILAB que, no meio dos raios carbonizadores das esperanças dos jovens da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP), estendeu brisas das suas silhuetas e caldeou nostalgia com esperança para revitalizar a existência e a prosperidade em cada jovem beneficiário da solidariedade do Brasil com os povos africanos.

Firkidja di nô Kampada fecunda-se nesse regaço da fraternidade do povo brasileiro com Guiné-Bissau, por isso, expressa a sua gratidão à **Padida di dus mama** (mãe acolhedora), na voz do poeta Domingos Malú: *“Sou a Unilab/Mãe da diversidade cultural,/De mim se aumenta a consciência/ [...] Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique,/ São Tomé, Timor, Brasil cadê Portugal?/ Vamos penetrar e criar força do destino/Que nos traz UNILAB.*

Nessa penetração da força torna possível introduzir, com paixão incomparável, esta coletânea que marca a primeira publicação do grupo Firkidja di nô Kampada semeada desde setembro de 2017, no solo brasileiro que distribui energia e humo ao nosso embundeiro, melhor cabaceira UNILAB.

Alastrando solidamente raízes das Firkidjas no subterrâneo, a princípio com estatura embrionária, a seiva percorreu rapidamente de caule aos ramos, alimentando os cloroplastos que dão a verde às folhas em forma de azas sombrias nas quais estende esta esteira estendida por 27 poetas e poetisas, convidando todos para comporem Kabaz da guineendade que se representa neste primeiro Tcholona di Tambur.

Caro leitor(a), aproveitamos explicar que, por esta obra se enfiar nos interstícios identitários da Guiné-Bissau, desfolhará versos tipicamente guineenses, imaginados e grifados no mundo linguístico deste povo, isto é, a língua crioula da Guiné-Bissau. Acreditamos que é compreensível aceitar que a literatura é a expressão dos valores culturais e identitários do povo em que se insere.

Nesta ótica, praz-nos escrever não apenas em língua portuguesa, porém, mais aliviados e fluentes nos ficarão bebendo no idioma que nasce com a nossa membrana plasmática cerebral desde incipiência da vida. Contudo, não para de circular na veia a consciência do reduzido número de consumidores da indústria literária no país, fato que evidencia a existência de um potencial enorme de leitores não guineenses não se reverem em certos poemas dentro do livro.

Entretanto, para não acamar você que talvez seja o leitor lusófono nos mesquinhos para eternidade, uma boa parte do livro está escrito na língua portuguesa. Assegure nossos braços para enfileirarmos neste círculo e dançarmos alegremente nos versos e nas estrofes de cada poeta e poetisa de ***Firkidja di nô Kampada, neste Porões das Palavras: Primeiro Tcholona di Tambur.***

E s p e r a n ç a

“Guiné somos nós até depois da esperança”

Mesmo que tarda a bonança
Somos nós até que chegue, chegará
Até que a dor passe, passará

Não vamos para Pasárgada
Nem se formos coagidos
Mesmo que as dores viram escombros
Se for, apoiemos uns nos ombros
E reerguer de novo
De novo, de novo, de novo...

Aprovemos o teu dessabor
Fugiremos não
Até achar o teu sabor
Até que o grito vire canção
Até que a guerra vire união
Até o sorriso nascer na cara dos irmãos

Guiné és tu sorriso de lágrima
“Sabura que dói”
Guiné somos nós sorriso do teu semblante
Seremos até o último instante...

Eugênio Nunes Correia

Mãe

Mãe, Mãe
Hoje os teus filhos lacrimejam
O embrulho mísero que os perseguem
Quando os de outrem festejam
A amargura e dor pairam e os prosseguem

Mãe, Mãe
A carnificina que assististe
Fez dos teus olhos
Um rio que inunda a cada alvorecer

Mãe, Mãe
Eu queria tanto ser
O filho que querias ter
Que traria brilho ao teu ver

Mãe, mãe,
Perdão,
Talvez um dia o sol há de arder
A panela há de ferver
A tristeza há de se desaparecer
Os filhos teus não de esquecer
E o teu bem querer há de se erguer.

Noite

Deitado no meu pequeno leito com olhos arregalados, nariz entupido, boca aberta facilitando o respirar do peito.

Noite de sufoco, sem sono. O desconforto usurpou o meu cômodo que tanto me acariciava durante as noites frias. Hoje é o pior das noites, o mais drástico é que o sol não vem, já passaram mais de 24h sem se amanhecer. Quem me daria voz para gritar em meio a este engasgo do pesadelo? Só espero não morrer tão precoce. Talvez essa treva viesse decapitar o reconto do meu porvir. É a ira dos meus ancestrais? Cascudo de Deus? Uma praga enigma? Um dos antagonistas meus querendo me enfeitiçar? Ou eu maleficando a mim mesmo? Seja lá o que for, quero saber porquê que essa noite não cessa.

Oh! Meu berço que era fofo, o lugar onde me requintava a cada amanhecer, meu maestro musical, hoje, a suavidade melódica dos seus cantos que reviviam o pensar produtivo, transfigurou-se numa noitada de amargura infinda.

Provavelmente nenhum dos meus ancestrais passou por uma noite terrível como essa, se fosse o caso, saberia, com certeza, os cantos e os contos narrariam para mim numa das mais belas noites de lua cheia, quem sabe, lembraria da malandragem do escape.

O único auxílio que me resta é um milagre. Mágico, se eu fosse, puxaria o sol lá do seu esconderijo, para que a noite azeda se desapareça e seque o meu leito banhado de choro de angústia. Que noite é essa? Que nem por piedade que eu peça,

Sente vergonha dessa sua teatral peça, Oh Deus! Teu prodígio eu espero, caso terminar o escuro áspero, no dia mais ardífero, numa arena, juntar-me-ei todo mamífero, antes do meu partir tudo contarei sem omitir.

Mãe Guiné!

Mãe Guiné!

Terra linda

Terra de encantos!

Prosperando e demonstrando a tua beleza!

O teu insular te exalta

A tua verdura te alimenta

O teu chão te encanta

Oh, minha amada mãe!

Embora de lá para cá

A tua alma perpetuou e chorou

O sol acompanhou

A lua assistiu

A chuva lavou e o mundo anotou Guiné!

A tua memória me deixa com ansiedade

Ansiedade de presenciar a glória que conquistaste

Embora o tempo não volte!

Guiné!

Com sofrimento e luta

Luta de ver

Erguendo arma sem querer

Gritando e tremendo o solo Guiné!

Dentre os teus filhos

Nem todos voltaram

Uns ainda nos matos de *Como*

Outros em *Guiledje*

E restos nas águas salgadas do teu mar!

Minha mãe

Alguns corações ainda vivem arrancados

Memória que não passa

Mãos e pés que não voltam

Mama Guiné!

O seu povo anda esperançado,

De um dia ver o céu

De um dia vencer “*gatu preto*”

E um dia mostrar o seu peito

Mas

Se não voltasse Cabral

Eu não andaria descalço

Se não voltasse Titina

A minha barriga não teria fome,

Porém, tu és Cabral!

Tu és Titina! Tu és a Guiné!

Luizinho Jorge Cá

Guiné de esperança

Vi a esperança nas sepulturas dos mortos,
Guiné é a terra de órfãs e de viúvas!
Todavia chegará o dia,
Onde as tuas plantas jamais desflorescerão,
E os teus rios germinarão águas doces remanescentes

Guiné é a terra de progenitores visionários,
porém, um dia, os céus iluminarão de benevolência,
As luzes brilharão sem expirar
Não haverá mais exílio e nem desespero,
E as crianças jamais prantearão de fome,
Os jovens apetecerão incomensuravelmente de esperança
E as mulheres jamais sepultarão os inanimados

Guiné é terra de devaneadores!
Há de chegar o dia,
Onde as lágrimas de nossos guerreiros
Cessarão para sempre,
E as suas angústias jamais abalarão os seus corações mortificados

Sinto-me entediado sempre que vejo as lágrimas do seu povo,
Transudando no peito dos encarcerados,
Protestando de esperança tiranizada!
Guiné minha terra!

Mindjer di fonte di bas

Mindjer garandi di fonti di bas

Sikidu ku si bambaran di meia

Murtchadu suma padas di oredja

Na boka di estim la

Mindjer garandi di fonti di bas

I rabida i sukundi na sukuru suma dinoti

Aonti ba na cau di ratcha tara el ki numeru um

Aos pabia di susu kabeça di si fidjus ku netos

Nin i kata osa furanta kara na metadi di kilis ki bambu

Mindjer garandi di fonti di bas

Bu lagrima kaba gos e restau son sangui

Bu bedju sim kungsi nobresa

Bu kusidu sim pera bu maduru

Bu tene fidju sim prena

Mindjer garandi di fonti di bas

Um dia i na tem bu fidjus ku na tirau na es sufrimentu sim motivo

Bu na sedu feliz pa bu fidjus.

Samuel Adelino Ié

Kabral

Kontratu di anos ku mama
Ma ali djintons kebral
Bulanha rabida i dingui
Ninguim ka tem pa labral
Ermondadi bida malgos
Na karmusa di matchundadi
Kuma elis ku karga don
Na se boka
Bu torna kantiga di kanta po
Sim korson
E djumbluntinu djorson

Ala rapa tchiga totis
Nes djugu di futis
No sintil te na os
Pekaduris na numia kaminhu
Ku paliti di fos
Pake kusende di aos
Fungulintinu no amanha

Kabalidandi
Sikidu tcham
Bardadi na bua suma lan
Medu saltandam korson
Kudadi kalkam pitu
Miskinhu forkam sintidu
Larma barsam udjus
Sakur ratidjan na dur
Nrabida ntoka tambur
Talbes ita tchigatan fala na mon di nhu dutur

Pa ka nhu matadur
Konkonhinu mas flur

Nsinti rankur na ria
Pake irã di forombal tudji kaminhu
Prentchentches torna medunhu
Kankuram di prasa boltianu sinhu
Tcholonaduris tudu larsil

Moransa padjiga
Limarias toma konta di prasa
Koitadi dinguidura di no kasa
Pekadurndadi torna kobrandadi
Na rastanu pa matu di kantanhez
Talbes nota otcha Yago pa mata sedi

Ma suma kaminhu laludu
Kilis kuna koikoi ba dismadja
Pantadura gasali korson di padidas
Kontentamenti lundjisi se rostu
Ai Flema!

Ma suma sunhu ka muri ba
Nghodja luta karga remu di miskinhu
E na djusia ba ku kansera
Esperansa na si rapati djus fala elis
Bo kala son
Bo pui na unson
Anos tudu i ermon
Pake si kanua ka nkadja
Nona tchiga.

Firkidjas di nô kampada

És ki nô firkidjas ku sta sikidus na morransa di utrus
Na rinka odju di busca djiresa
Djiresa ku na buscadu pa pudi bim ruma m´buludjus pa ria moransa
Pabia miskinhu tem na moransa garandi
Tchon di Cabral, ku bidantadu m´fala m´fala.

Ah!

És i kil firkidjas dê!
Ku na bai lantada kilis ku cai,
filanta kilis ku djingui,
pa yandanta kilis ku na n´gnhatinha
Kumpu kilis ku dana.
És firkidjas ku na bai firmanta tcham nô kampada,
suma di vizinhaças!

Aos fikidjas sta na metadi di sé mandjuandadi.
Amanhã elis ku na bai ribanta kil mama ku tem ba dja,
disna di tempo di ba nhus
Ku padjigadu pa ba nhus ku sta na longanta n´utru turpesa di renança.

Ah!

Bo lembra kuma kil mama ku tem ba,
I ka el ku tene dia di aos.
Disna di kilis ku bai é disa sê alma
Ampus, nó sakura nô djemberem!

Afonso José Mendes

Esperança nunka kata murri

Na kil dia alegria tomau konta di kurpo
Suma strelas na seu
Mininus lanta ena kanta na moransa
Pabia sukuru kaba

Ma djintons kuna durmi ba,
É lanta kuma eka contenti
Anta kim ku pedra di fugon
Sim, si lenha ku fugo

Ma si kontra sol ta mansi nam
Nbom ika mesmo dia kuta kontinua
Garandis kuma galinha prindadu
Ka kungsi caminho lundju
Kuma ika tem kunsada kuka tene cabandata
Ma si kanua ka nkadja nona tchiga
I bardade di kuma iagu ku darmadu ikata riba mas
Ma si fonte rebenta si udjus, mas tarde ita forma lagua

Ah! Kuma considju di garandi ika di passa
Muito menos pa i otchau firmado
Si aos sabe, então amanhã ku mas mela
Suma mel na si kumbu

Kuma tempo perto, tempo de presta konta
Fidjus di moransa na riba
Bo purpara, pabia ena pidi bos relatoriu
Kil dia ku lagrima di homis garandis ku mindjeris garandis na limpadu
Alegria na torna na se rostu, suma sol de des ora
Tchon ku mar na kanta kantiga de kontentamentu
E na torna gurdu suma kunsada de mundu
Ala na bai bo sintidu ku bos.

A m o r

Ri di tarpassa

Ora ku bu ri, nha mundu ta sedu utru
Vontadi di teneu mas pertu ta aumenta
Nha alguim di garassa sabi
Di combersas bunitu e abraçus di findjimento

Ma bu sibi fassin gosta di bo
Na bu maré bu ta ticim bu lebam kuma ku n'tindi
Komersas sabi, mas di korson kinti
Di sintidu ku ka tem diresson

Pa kê é teatro tudu ?!
Si contra i ka es ku bu corson misti...
I bu sintidu negal? Nos també?

Si contra bu misti tem lugar na nha corson
Ri pa mi ku korson limpu
I ku sintidu na mi, so na mi.

Liliane Alice Resende Costa

A sombra do querer!

Sou uma sombra para os teus olhos?!

Vejo em ti apenas... não sei dizer...

Amei-te por um minuto

E tu destruístes o meu mundo

Me balanças

E não descansas...

Eu amei as tuas lembranças

As tuas cobranças

E as tuas vinganças...

Eu amei não te amar

E esqueci o que é sonhar...

Liliane Alice Resende Costa

Amargura na paixão

Coração cavalo!
Ingressaste nas paixões profundas
Meu coração não deprecaste a licença do seu dono
Não deixaste que ele computasse o período de tempo cego
Hoje, o remorso te encobriu por completo!
Trouxeste o sofrimento, dor e a angústia.
Para quem sabe, a Parada cardíaca!
Nesse mundo de desamor
Ousaste entregar sem medir a força demoníaca
Não almejava te ver com este rancor
Mas como dizem os senis:
O passado não volta;
Não podemos apanhar por completo a água derramada ao chão!
Gostaria muito que me consultasse, antes!
Pelo menos te aconselharia
Diria-te que o amor, é como brincadeira dos cães:
Se um derrubar no primeiro encontro, no segundo é a vez do outro!
Noto que, as tuas anotações te explicaram mal
Sopesaste o comportamento duma forma parcial
O resultado te deixou com a dor, sofrimento e o rancor.
A experiência de ser resignado já vais ter
Nesse campo, tu vais emadurecer
Meu coração cuide dessa sua paixão espontânea
Que se apaixone!
Apaixone-se!
E se apaixone!

Versos amorosos

Em que língua escrevo os meus versos
Em que língua escrevo as palavras dóceis
Para exprimir meus versos amorosos
Dessa linda moça que não almoça
Escreverei em crioulo da Guiné-Bissau
Inglês da Inglaterra, francês da França,
Espanhol da Espanha ou pepel a língua dos meus pais?
Vou fazer uma mistura
Para essa linda que não se brinda
N'pili nuro, Beautiful girl, Belle fille, Niña guapa
Tu és um mar de rosa para mim
Remédio para minha doença
Passaporte para meu destino
Hino da minha pátria
O meu cartão de visita
Tu és cabeceira da minha cama
Água para minha cede
Bíblia da minha igreja.

Samuel Adelino Ié

Nha eskema di gã book

I ka negam, nin ika setam tambí, ikala muk, suma kin kuna komberça ku
Deus
Si postal di perfil, i mas kil di Saba ku Joana
Si komberça ku mi, kata kumpridu
I so kil oi di nudade
Kuma si ila kanhota ku n'misti
Pa n'torkia nha muedas pa notas
Pa n'laba xulé di nha bota,
Pake el ikata kiri ku djoto
Sinhora di unhas kumpridus
kabelos di difuntu
Boka burmedju suma sol
Si ronko i so na gã book
N'misti ba pa i sedu nha skema
Ma si vulcidade nin di bartaba i mas
Na facebook nin XAKIRA i mas
Ma na tabanka nin mamé di n'ghaié mas el
Kalka nhadas suma reguas di balanta
Bokeras branku suma liti di papaia
Sukuru suma badi kama di tia Talé
Patas largu suma remu di nhominkas
Si "n' sibi ba, n'kata pidil amigandadi ku fadi mandal oii
Si n' sibi ba, nin na facebook no kana kontra.

Augusto Felix Gomes

Te conhecer

Sabendo que o amor verdadeiro existe, quando te conheci
Amando eternamente a tua tempestade de Amor
Incondicionalmente, arrancou o meu... naufragando
Doí quando senti que não te conhecia
Orgulhosa grito, te conhecer é sentir a chama de furacão.

Brilhando a vida escura é o teu... iluminou a minha caverna
Amor sensato, amor potente... mesmo no cismo
Lançado no meu futuro, ainda vivo te conhecer no meu presente
Deslizando amor no mais terrível terramoto, dando-te conforto e
esperança
Esperança é te conhecer na melhor senzala da história.

Anilsa Lima Almeida

Ainda há jasmims!

Ainda há rosas
Misturadas com aromas de plantas verdes
Em certos corações auroras de jardim
Eu sei
Nós sabemos
Tu sabes, Margas.
Faz hoje o dia
Tem festa
Tens motivos para o riso
Porque risos tens muito
Como Rio Cufada
Como pedaços de si
Como luz do teu coração
Que ilumina dos teus olhos
Apreciado por todos
Quantos te conhecem
Luz que clareia as emoções das meninas
Filhas que tu fizeste mãe
Mulheres e homens que abraçaste com coração-criança
Sob o sol vivo do meio-dia
Que não passa despercebido a ninguém
Acaso, só a ti, Jasmims Margas.
Emoções de uma vida repleta de luz
Paixões
Temores
Sucessos, quase sem fim
Continue a subir os degraus de felicidade
Calma e deslumbrante
Como o Pindjiguiti

A ti, Margas

Nossa Flor

Nossa Aroma

Dia felicíssimo te desejamos

Te amamos, perdidamente.

Ricardino Jacinto Dumas Teixeira

N'lundjusiu

Na bai na bentu nos n'ta odjau
Alin li pertu di bo
Tchomam so nha konosoba
Na kudiu nha konosoba
Amor... misti odjau ma bu sta lundju di mi
Misti pa bu barsam
Mon ka iangasa kosta
Korsons perta na nos
Oceanos dividinu
Pastro di ferro ku tisin el ku na ribantan...ampus!
Iago kun na bibi i kata ria na mi
Só vontadi di n'odjau nha ...
Ninsi sin udju
Nha riu ku kata seko nunca pa bo
N'firma tesu pa ka bento matchu bim batim
Ninsi anu di fome
Na sintandau na nha turpesa...ampus!
Es lundjustancia um dia i na pertusinu. AMEM
Ali bu fala na busca nha noti
Pa pudi rafinkau na kil turpesa de nghosanki.

Anilsa Lima Almeida

Tens razão!

Vale a pena

Vale a vida

Vale a luta

A ti, Veivy, uma miscigenação de amor

Duma vida renhida

Há cerca de 20 anos, diariamente.

De flores rosas, que construímos nosso jardim

De beijos-rapidinhas

Porque admito minhas fraquezas

Minhas ambições de amor

Fruto da nossa paixão, que ilumina nossa felicidade

Que brilha das profundezas da nossa

Imaginação, de um olhar

de um beijo, vários aromas

A ti, Veivy, tens razão, vale a vida

Vale a luta

Vale o nosso amor.

Parabéns, cotidianamente!

O dia, nosso calendário

26 de janeiro.

Ricardino Jacinto Dumas Teixeira

Anjo da guarda

Perto de ti me sinto bem
No teu peito deito a minha cabeça e
escuto cada batimento do teu coração
Teus abraços casam-me e envolvem-me feito abrigo
Meus ouvidos deslumbram a suavidade da tua voz
Anjo da guarda
Na tua presença a minha alma mansa se acalma
Meu coração transborda de tanto amor
Meus lindos olhos brilham que nem as estrelas cintilantes
Perto de ti eu sinto segura e muito amada
Anjo da guarda
És para mim um porto seguro
Mesmo quando tudo perder sentido
Nos dias sem sol
Nas noites sem as estrelas
Anjo da guarda
Quando eu me afogo nas minhas mágoas
Tu sempre estás aqui me amparando
Tu és a minha lenda na alegria e na tristeza
Anjo da guarda.

Wilma João Nancassa Quadé

V a l o r d a m ã e :

Cotidiano de mulher guineense, exaltação da mulher

Firkidja mãe

Sobre as ondas ao mar profundo, acreditaste.
A luz do dia se escurecia e tu nem mexias.
Ficaste plantada, pés descalços para quando vier a reclamar a
tempestade, *pa i ka tirmintinu moransa*.

Oh Mãe!

Lá tu vais... sacrificar tua vida, para que possamos acordar nas auroras e
degustar o cantar das garças à beira mar.
Esqueceste de ser mulher...
Abandonaste *bôfir* teus cabelos, garruchar as espinhosas matas, partindo
as lenhas, *pa firmanta kil tris pedra di fugon*.

Mindjer firkidja! Alau-la mas...

Lama te na dju-dju, a pescar para teus filhos... Arriscando os dias e as
noites, vigiar pelas madrugadas tuas pequenas ganhar vida,
sobre camiões pelas rodovias, adormecidas,
as crianças nas costas...
para que no *beku kanderu* iluminasse alegria.
Isto é ser mãe!
Mãe Berta!
Mãe Guineense!
Mãe Africana.

Mãe

Esse nome tão simples,
Mas com grande significado
Contudo, não sou empresário
Por isso, peguei no meu dicionário
E comecei a elaborar esse inventário
Sempre pensando no que podia escrever para você.

Nessa imaginação, os meus pensamentos me arrastaram
Para navegar nas profundezas do conhecimento
Nessa navegação lembrei que você é uma mulher batalhadora
Que, às vezes, passa à noite sem dormir
Só pensando em como cuidar das nossas vidas

Na verdade, sou uma pequena poetisa
Mas isso não me impediria de pegar numa caneta
Para pintar com minha escrita
Nesta carta
Explicando para o mundo
Onde sai a energia que me alimenta

Mãe,
Vim para te homenagear
Pois, você é a mulher que merece todo o meu respeito.
Por isso, te escrevo dizendo:
Bem-aventurada!
Porque você é aquela mulher que não desiste dos seus sonhos
Que se levanta depois das quedas
Que se fortalece depois dos problemas
E que com pequenos gestos e carisma

Consegue traçar caminhos de esperança para os seus filhos

Se me perguntarem como é o seu nome

Responderia com esta simples palavra: que o seu nome é MÃE

Que significaria para mim Maior Amor Eterno.

Mariama Cassamá

Mulher

Mulheres são as nossas mães
Às vezes se transformam em nossos pais

Mulher
É como uma planta
Precisa ser regada com cuidado
Pois, nela cresce e nasce o bebe querido
A mulher é quem nos carrega no seu colo
Desde os primeiros segundos até aos nove meses
Cuidando das nossas vidas até o último bolo.

Mulher
A sua ausência
Faz sentir a falta de esperança
Que só cicatriza a nossa lembrança
Os teus pássaros perdem o lugar onde precisam descansar
Pois, tu és um manto
Que sem ti
Não poderemos enfrentar o frio
Causado pela tempestade deste mundo
Que nos excita
Com os seus anjos malignos
Que lentamente nos matam

Mulher
Não tenho como lhe pagar
Resta lhe agradecer
Por isso, vou afirmar
A mulher é uma sombra que Deus trouxe ao mundo
Sombreado a cada um dos seus filhos.

Ser mulher

É ser forte, corajosa, lutadora e vencedora
És a árvore que enche a terra,
mas são os mesmos frutos que não te reconhecem
És aquela que nasce com a coroa
Porque és especial na face da terra
É em ti que está o verdadeiro amor
Que ninguém se paga para tê-lo,
porque é incondicional
A sua inteligência é incomparável,
ela divide seu pensamento para o mil
É o mil que te ignora,
pela arrogância, superioridade e ganância
Triste é aquele que não reconhece quem lhe dá a vida,
que cuida, e continua a cuidar
És a luz da vida,
essa luz não deixa de brilhar mesmo na tristeza ou
na angústia
O seu coração está cheio de esperança desde que nasceste,
mesmo tendo vivido nas trevas
Porque és visto com corpo inferior,
cabeça ocupada de mais para pensar...
Aí que se engana,
porque por mais ocupada que ficasses,
consegues dar conta porque pensas por além
Páre e pense não espere que seja reconhecida, mas reconheca-se a si
mesma
Porque só assim que vão olhar em ti a grandeza da tua alma
Não somos iguais, mas se vivêssemos a igualdade na diferença
o mundo seria outra...
Ser mulher, é um orgulho,

um orgulho de ter graça que nela se encontra
Que ainda muitos são cegos para não enxergar
Ser mulher,
é ser a perola mais preciosa que existe na terra
Ser mulher não significa ser inferior,
mas sim é ser valorizada, respeitada
Tudo isso é mínimo que podem fazer!
Viva mulheres...

Anéximandra da Silva

Mindjer di koragen

Na si tabanka antis di galus kanta ita pui Kabaz
Na kabesa, ridia boltial kurpu pa ria mar
Ora ku bela garandi di seu na sindi, buta odjal i na subi pa Beku,
nunde ki ta troka si kansera ku dus silin pa otcha Kaneka di firbinti.

Na si sidadi, kargas di lumu ta riantadu, djilas di kada
Moransa ta kontra na purtu, karakol, tambarina, ku bande
Strada ta intchi tep, pitus di karus ta somna suma si Kontra Karnaval
torna tchiga mas.

“Nha kamara bim kunpra pis fresku,
Nha amiga
Ali pimenta ku rapudju, ”
Es i djestu di mindjer ku esta na filera di luta,
Kil ku rapada koitadesa i misti lundjusil.

Mindjer di koragem
Na kada madrugada bu ta odjal i pui banda na kabesa
i mara panu pa rukudji lumus.
Na tempu di foroba ku veludu i kata sinta.
Na tempu di foli ku batata i kata diskansa.
Na tempu di kamati ku tchebem
Ala si kondutor na rapassa ku pulisia
Na estrada pa ria tabankas lundjus.

Matus di sul ku kaminhus di kobras?
Ika diskisi delis,
I bida i kungsi kada fruta ku si tempu suma ke propi...
Mindjer di koragem

I dispindra speransa na si Omi i latchil na si kriason
Buska mamberet pa si fidjus ku netus
I si orason na kada mara lens.

Si fadiga i na ora ku nuvela ku djugu 'n'tchunbantal Mininus,
Ora ku sabura di es dias rasta se sintidu pa kobom di skuridom,
ampus...

Lucas Jaime Indi

Mulher guerreira

Canto da galinha é o sino da mulher guerreira
Que se acorda à procura de uma grama
Para que as crianças não fiquem sem abrir os olhos,
Para que o sorriso não seja afligido pela tristeza,
Para que o amor seja ícone da casa,
Para que o analfabetismo não floresça na casa dela,
Para que a saúde seja hospitalizada na casa dela.

Nem tem o tempo de fechar os olhos para dormir
A ambição dela é não ver seu filho com os pés descalços ou sem camisa
que fará mendigar na casa da vizinha.

O sol a acompanha no seu cotidiano,
O mercado de caracol é universo dela, é ali que compra os legumes
Marchando até ao seu bairro a fim de revendê-los,
Sempre com a cabeça bem erguida, com a esperança de ver
Um dia o seu filho alcançará tudo que a vida lhe projeta
Para não conhecer a palavra desistência da vida.

A vida é um fluxo norteadado pelos desafios, pela súplica
De ver as estrelas ajoelhando-se entre o relâmpago e a escuridão,
para que o sentimento não perca o valor que o mundo ignora.
Nunca queria que a vida seja atrapalhada pela infelicidade,
A resposta esconderia por simples razão, então daria o seu casaco para
seus filhos todos os dias.

Mamadu Nanque

Mame

Mindjer *bidera*, padida di dus mama
Ku kata kabanta sono na kama
Na busca di kume pa si fidjus
Paka kil monhos bim nheme karus

Mame bidera!
Si kudadi di tudu dia
I kaminhu di purtu di bande
Alal na karga gelu ku iagu,
Pa pudi intchi si kasa ku djanta ku sia

Mame sunhadur!
Na kil sunha skola di si fidjus
Alal sikidu na busca purtu di kanua
Katchupak ta balansal po di kurpu
Nim tempu ka tem di djumbai ku si mandjua
Mama balenti
Mindjer ku merci respetu i adimirason di si burbuletas.

Mariama Cassamá

Bideras ao sol

Quando o sol do meio-dia comece

Sob o escuro da noite e da madrugada

Alal la, kusi fidjus

De bandé a pindjiguiti

Nasi bida, dinoti, ditardi, didia, cáiram lhe todo sol

O sol da esperança.

Ricardino jacinto Dumas Teixeira

Badjuda Djakanka

Raiz di mangu
Cresceu no meio *di dus polon garandi*
Entre os dois
Ela nasceu solta,
Onde dificuldade nunca falta
Pois, já levou muitos tropeços.
Mesmo sem abraços
Ela aprendeu a voar
E nunca desistiu de sonhar.

Porque muito cedo sabe bem o que quer
Por isso, correu a traz do seu bem querer
Pois, ela é mocinha Djakanka
Voando até kassaka
Numa terra di sim kaneka
Ela aprendeu a ser firkidja
Carregando com ordidja
A cruz da fadiga
Porque sonhou com uma terra *ku monhos disdja odja*.

Badjuda Djakanka
Se quiseres saber quem ela é
Se queres que ela te ensine o que sabe,
Então deixa um pouco de ser tu mesmo
Dispa a camisa do teu eu
Saia da tua ignorância
Deixe da tua arrogância
Aprenda com ela o que significa inteligência
Inspirando nela
Para tornares num sábio.

S a u d a d e s

Saudades

Saudades do meu continente, África
Continente dos meus pais
onde eu nasci e cresci

Saudades da minha terra Guiné-Bissau
onde passei minha infância

A Saudade me dá vontade de cantar a minha pátria
Que eu amo e me sinto no coração

Minha linda pátria amada
A terra que me levo no pensamento
Solo que deixei durante anos
Solo da pátria que eu vivi aos anos
Que um dia há de voltar e pisar...

Sinto saudades do meu bairro Bélem
Sinto saudades da minha cidade canchungo...

Afonso José Mendes

Eminyke

Nindo nanihaan...

Kada matrugada bu ta kordan

Nta sinte bu boka na kutkuti tchoman

Ali i na grita riso na mi...ampus!

I ta fasi nha korson firia suma iago di puti!!!

Credi, sakur, nau ndisdjau.

Ora kun obi bu fala na kabaronisa, na bu boka, i ta fasim nlembra

Ki dia ku no odjus fasi kuarto

No korsons fasi dupla ku kata dividi

No almas ntindi kumpanher sin splikason, Nindo nanihaan.

Ntchomau bu lundju mi!!!

Dia kun na odjau

Nha korson na intchi di contentamento

Suma Kampuni na bantaba...ampus!

Ma pera nfalau...

Nha alma nunca i lundjusi di bo

Alin li na freskura di sin susego...

Na lestunde kurpo pa ka maré bim fikam

Pa ka dia bim rabida noti

Pa ka kinte bim firia

Ma alin li ku nha kabas na mon

Na darma pa ki dia tchiga...ampus!

Ki dia nha korson na branku suma lua nobu

Ki dia ku nha badjudesa na odjau na rua nobu

Nha guarda di nha konosoba

Nha Nindo ku na bim nanihaan !!!

Saudade da mãe

Saudade é igual a fome
Pode mata-la só com presença
Saudade é uma água que não tem igual
A sua igualdade só com presença
Ela não tem cura sem presença

Bateu saudades da mãe
Nunca imaginei se o meu corpo desligaria de ti
Nunca imaginei se nossos olhos não cruzariam para dias indefinidos
Recebia a tua voz no teu lado, agora sua voz suave rasteja
De forma lentamente pelo celular

Quando estava saindo da sua casa, não imaginava se faria
Tantos dias sem sentir o teu calor e aquele afeto da mãe
Em cada noite a minha lágrima de saudade cai sobre terra
Saudade é uma dor insubstituível e nem tem remédio
Ela entra de forma profunda no nosso corpo e sem piedade.

Fatumata Djarai Baldé

**Crítica social,
crítica política e
crítica colonial**

Assim é...

Verdade tu dizes?
Talvez após a dança de *djambadon*
A tua vida leve quanto a neve

Há de ser como estão
Rir como riam
E sentir como sentiam
Os teus dias são poucos
Os teus pés são curtos

E ali choram
Vendo sem sentindo o sabor
Os donos cantando e tocando tambor

Assim é
Ora assim são
O santo que vê e sabe
O que procede

Merece
Porém não deveria,
porque não viria.

Luizinho Jorge Cá

Ku mansi ñancatam

Notsi di kobra, i kil um lalu-lalu son, pa kil tempu tona pertu dja mas!

Rola para lá, rola para cá, roda pa puder.

Bô ila brinkadera, ku sumiadu pa kil

Esperansa nobu, kuma *ñancatam ku mansi!*

Mon pun kabesa, pabia fartura forcan garganti *Tendipresa*, kankaram
ku puti disna falan.

Asin ku na mansi!

Gos i akotro-bido di con, si ami ku tem roson

Polon, lanta bu djuti dianti, pa i sedu bom simola

Bofin-n'bofiu, pakê kaleron na bai firbi djanan

Pakê djanti na toma kil ku ka dadu,

kil di bô torna bedju dja mas!

N'rabida n'djopoti pa n'turga,

bu bedjisa, ku tudu dia na kumprindu

ku kumprumisu, di um dia dés n'cadjantanu na sombra,

nos tambê no ta odja *ñancatam ku mansi!*

Moisés Domingos Correia

Gritos de socorro da Mama Guiné

Choro dos meus valores solfados pela globalização
Peço de volta os meus espíritos da nação e da guineendade
Não aguento tolerar estratégias enganosas do neocolonialismo
Reivindico do meu petróleo cedido na convenção sem piedade

Rasgo as cooperações que devastam o meu espaço ambiental
Inferno desonestos que ameaçam a riqueza do meu quintal
Exausta de ver meus peixes e troncos no mercado ocidental
Sem que meus filhos saborearem as riquezas das minhas águas

Cansada de negar a deturpação das ideologias dos guineenses
Cultivadas debaixo das bombas dos invasores camuflados
Choro a pena de ser mãe dos filhos que se entregam cegamente
O futuro do meu povo aos inúteis exploradores do continente

Jamais adiem a felicidade da minha família hospedeira
Políticos corruptos que não se escapam da asneira
A memória dos invasores guarda a bravura do competente
Governantes recuperem a minha dignidade detida no ocidente.

Justino Gomes

Mesquinhos da criança

Só resta no coração dores do passado
Do presente não falo,
Que sem fala estou

Ao alongar-me mais
Vejo um fatídico futuro nas ruas poeiradas
da segurança sequestrada

Lá estou caminhando
Na terra dos fortes
O destino não sei
Apenas rumos insertos
Invadindo esperança coberta de infortúnios
dos colegas na terra
Tomada pelos insensíveis
que nem títulos conheço
Mas de CAMARADA respondem
Maioria nas rádios
Alguns nos concelhos, nas ruas e nos bairros
prefiro calar-me.

Justino Gomes

Curvas da Guiné

Nesse pedaço de Kabaz riscado no chão
Linhas de estradas cruzadas,
onde negociantes da vida se encontram
Num bate-papo de amizade
Em busca de pedaço de felicidade.

O murmurar nos cantinhos sem luz
São falas de *matchus dunus* nos ouvidos delas
Dedos no bolso a palpitar moedas
Moedas nas mãos delas, corpos cruzados a fazer...

Sons dos seus saltos no passeio são
Melodias de um cantar de ziguezague
Num andar nas esquinas.

Hoo! Mame
Preocupada *na si turpessa di baranda*
Perguntando, *nunde nha code um son?*

Voz da mulher de cuscuz gritando filha
Que ontem deixou vestir *tchuna*
Mas que hoje já é senhora das curvas.

Educação híbrida na plena modernidade,
na ausência de tradição... Prostituição...
Que bagatela esta vida!

Colonialismo e a pilhagem

O meu mundo não compreendo dele
Estou desconfortável por olhar impaciente
Rodeado pelo espelho transparente que não
permite descodificar minha cicatriz
Que flutua no território alheio

A dor que veio na minha vista é tão brutal
Como crônica mal narrado,
pela intenção potente
Que machuca coração de inocente
Ferido no seu interior
pela dita civilização
Palavra divina erguida legitimando pilhagem ocultada

Ao acordar do sol, na lua,
silêncio estimula pela falsidade
Que explica por si as caras
que transformam no sentido verdadeiro,
Atribuíram responsabilidade ao pobre vento quieto
Sem voz para explicar crueldades
que eram invocadas na legitimação de hostilidade
Paisagem irrigada pelo sangue dos inocentes
Cultura ocidentada com sua arrogância implantada,
e sua inutilidade espalhou-se pelo mundo
Que infernizou mente da humanidade.

Mamadu Nanque

Piada d´nha mesquinho

Guiné-Bissau, o teu silêncio me dá fadiga, que os meus olhos se gritam da dor e a desgraça que tormenta os sofrimentos dos inocentes debaixo da vingança.

Os seus filhos choram da desgraça demais que num país tão nobre... Que teve um Amílcar Cabral e que deu uma Titina Silá.... As crianças choram sem leite e a miséria paira do espanto da infelicidade bruta!

Guiné-Bissau, os seus filhos dançam no silêncio da morte, no escândalo da falência de “djito-katem”. A vergonha que brota as flores, que se transforma a lágrima do pranto do inocente. O sol que arde no dia quente da chuva, a esperança da mentira que assombre ansiedade do pecado!

Guiné-Bissau, paraíso de quem-não-volte pela esperança da ignorância, vida que solta a festa de quem vem de longe.

Na madrugada da matança, a sua lágrima enche o oceano de dor, o seu nome vislumbra o grito de medo, esse medo enorme que amplia monstros covardes...

Mamã Guiné, até quando? A sua roupa ficará curta e seus seios ficarão expostos pelos estupradores. O seu medo gargalha dos monstros que imprime o código, não pode abrir o céu ao crime, difamando o respeito que os “sábios” segregam!

O silêncio do grito que empobrece a estrada da esperança, pelo riso que incomoda a loucura dos famulentos.

Guiné-Bissau, a sua lágrima está farta dos mortos que enterram os vivos, morte que aborrece a nossa imagem do castigo, os teus pés soltos de feridas nojentas pela chaga incurável!

Emílio Júnior

M i s k i n h u
“ l a m e n t o ”

Guine Nhani

Neste caminho de contratempo
Os teus comandantes desconheceram o mapa do tempo
Porque os cartógrafos não souberam distinguir o polo norte do Sul
E o ponteiro do teu relógio bloqueou
No desespero dos teus braços mutilados

A sua esperança foi mergulhada no mar de desespero,
Desertificando cada vez mais
O nosso sonho de um amanhã melhor
Pois, os mitos invadiram os nossos pensamentos
Num silêncio de sofrimento e dor,
Sobrevoando nos jardins das rosas
Que fantasiaram as nossas esperanças.

Porque as nossas riquezas foram vendidas
Ao custo de barriga-de-meia
Baseada na prostituição dos governantes kalabantes
Que conheceram até o desconhecido.
E tu estás parada.
Enquanto o tempo passa rapidamente
Para nunca mais voltar

Guiné...!
Foi em ti
Que no lugar de alguém
Sempre está ninguém
Nesse jogo de tem-tem
Manipulando até o além
Onde o povo torna-se cada vez mais refém,
Lacrimejando o sangue
E sorrindo alegria do nada feito.

Passa o tempo

Os dias que a minha memória recupera, os dias sãs e de *djumbais*.
O fogo que ardia às lenhas secas e nas pontas chovia as lágrimas.

A temperatura entrava e fazia proliferar pelos órgãos,
só se via em nossas faces os dias em sangras!

Quem há de vos acudar!

Os dias são tão maus!
Quando anoitece,
e a fogueira não nos dá mais alegria,
entenderiam!

Os tempos! ... as crianças! ... tudo *warangui*.

Pa kê n'didja tempu, se as minhas metas são tudo que as varas
asseguradoras dos velhos, *ku djitu* fazendo tudo para discernir à volta que
dá a Dúnia.

Quem me dera recuperar os tempos, que tão apressados desaparecem,
parado me encontro no velho Trem, sobre ferrominho sem versos.

E agora! ... ao poço profundo parte a minha voz.

Quanto mais força grita a garganta dessuportada,
mais roca ecoa minha salvação.

Ke di mi?

Nsta na um kau nde ku bardadi parsi sunhu, nka ossa fitcha pabia kau sta medunhu, nsta suma difuntu ku pirdi ksi koba. Pa kilis ku ka sibi i som noba

Nha karnidura ta papia i ta konta di nde ku nbim, nha rostu kil kunsidu pabia di kilis kbim antis di mi, kilis ku ka tem dja fala, ma ke ki fala si nka pudi papia npunta?

Nha korsom mara korsom i pembi barba, na kuda kudadi di nbuludju ku bim di terra lundju. Djorsons padjigadu, mama pirdidu, matchundadi firmantadu suma Nhara, bardadi patchari kulpadu ka sibidu. ke di mi?

Darma darmadu polons djum'nadu, ora oradu omi garandi ka ossa papia, raça raçadu lua fasi mukur mukur-mukur, fala faladu ma kulpadu ka odjadu. ke di mi?

Kuma tuada di praça gos i limpu boka, anós ku ka sibi papia gora? Na matu kil ku tem arku ki general. E fasi mandjuandadi ma pa bu entra la djintons ta pui pa bu mola unha.

Ke di mi si nka sedu bom pa nha netus, si nha fidjus ka rispitam, si nka sibi nha rumu, ke di mi si nbali um nkabali noventa i novi?

Joel Da Silva

Ai nha terra!

Es i abo?
Ku pubis lundjisi di se amanha
Pabia bu padi fidjus kuta fasi manha
Nes bulanha
Padja brabu djagasi ku arus
Ala bu borbuletas karga es pisadu krus
Keka dibi
Sim odja se lus
Pabia dinguinhu kansa nHEME karus
I fasi amor kai na tchom rus

Kau rabida i torna sukuru
Pabia djintons ka pensa na amanha
E diskuda na se fiu manha
Nunde ku kada kim misti preNha
Ku manda no sunhu lundjisi di nos
Suma kaminhu pa bai Ntchanha

Nha Margarida
Si nha seta
Nha ta pistam fala
Pa ngrita gritu di sakur
Paka yagu bim mas forinha
Pa tisinu miskinhu di dur
Pabia nghodja serenu di kurtu sintidu
Na norostianu parmanha

N'rabida mputa
Es dinos
I mufunesa o i praga?
Ma suma kombersa di magru

Kata obidu na kau di fola baka
Ku manda na punta
Bo disdanghun
Suma kuntanghu na tempu di kadju.

Valeriano Djú

Tcheca Ticinu

Alegria

Tony Tcheca ali bu tchiga
Pa bim tiranu na Borgonha
No rabida no ta sta nan triste tok
Na metade di no mandjuandadi
Tempus bai tempus bim
So skirbiduris di utru paises ku bu ta odja
Bu cata odja nada di Guiné-Bissau
No rabida no burgunhu nim no kata ossa ialça cara
Bu ta pensa kuma no ca tene skirbiduris
Ali bu bim pa tiranu na Borgonha
Mas no tene so pa falau
Anos no na kuida nan di bo
Suma mandita fidalgo na rabada di estim la
Ou si no misti tambi
No na falau Tony Tcheca
No na kuida di bo
No na rabida no kinhu ku bo
Suma bianda na mon di mininu
Na tempu di kindjalen na tambaka di nha donas
Na tchon di Biombo
Tony tcheca tici alegria
É Tony Tcheca
Tchigantanu es recadu pa terra falanu
Djomav ku Mingo
Nhu Cipri ku M'beia pa é para
Pa é pensa na púbis no cansa
É rabida é kata djubinu nan li na UNILAB
Ou talvez propi é ca sibi si no ixiste
Mas tchigantanu es rekadu
É Tony Tcheca ali bu bim tiranu na Borgonha
Ampus alan ku bos.

Dur, Dur, Son Dur

Nha Djintis
Alin mbin mas
Suma firkidja ku nsedu
Pa lembranta bos di kuma
Kinkinhi ku kankanha
Na moransa di ba mancanha
I prehada bambu nghutru

Ma si prehada bambu nghutru, HUUU!
Neto di nha dona ta fala
Tanamo fenhi nan
Nin tempu pa silimbiki silimbiki
Ka tendja mas
Bas di ntudju di tio Nando

Suma ku na Bdas
Na Kasa di dona Mandas
No ta rapatiba tudo padas padas
Pabia anos i un son son
Suma kilis di kasa di bas

No ta sedu ba dus, tris, quatro
Ora ku lus burmedju uak
Na manta di Nasibatchi
Na ora di surumba surumba
Kila-kila
No ta preocupaba tchiu
Ora ku ora di mbentu na pertusi

Mas odja bobo bai

Kil di nunka mas
Na Bdas, bas di pe di kabas
Kabras segus Ka odja mas
Sukuru torna garandi di mas
Tok ata mbili bili pirdi balur
Na kasa balas

Pabia tudu ku ten ba balur
Bida tchur
Até pa catchur
Na tabanca di Tchur
Dur
Dur
Son dur
Storia ka tem komtadur.

Jamiro paulo sanca

“Fusca-fusca misteriosa”

Almas sucegadás, pensamentus filantadás,
na um fiu di ianda
Forsa, djiressa ku djitu di kumpu ka daba falta
Na kil firkidja di nô kampada ba
N’ghulidera ku djus Ka tem ba lugar.

Fartura? ina kil um Kabaz di ermondadi.
Kaio-kaio ku surumba-surumba tambi ka daba falta.
Alegria? I kil ku toma vlanti na tudu kau.

Storias kuta kontadu na fala de
N’na-garandi
Ekata malgos, mas eta gustus nam tok.
Noti di kil lua fresku,
i tustumunhu di kuma
Nô badjudessa la ki formadu nel.

Mas, disna ku kalma di baloberu fura
Konta di djambakus bim sapa tambi
Kanghaluta fika ina dadu son.

Raiz di forsa rinka, bentu yalsa djemberem
Sombra di polon garandi kai konhoz
Djimidura barsa korsons, kurpu murtcha
Panu ku fundinhu iogoli.
Sirbintia ku rispitu?
I kilis kuka pudi panhadu.

Raiba bim kinti-kinti suma flexa

Bambaram padassadu,
kada padas disparsi na bentu
Fuska-fuska misteriosa tisi fugo, kasas kema, kanuas foga.
Limarias tudu kapli e rukudji na matu.

Koitadi prentchentchez na es ermondadi siparadu
Koitadi kilis ku n'djudja-n'djudja se djitus,
Pabia ali e fika sim dus-silin
Malditu es fuska-fuska misteriosa.

Lucas Jaime Indi

Mindjer bonito desdi si nobresa

ku si cor preto, kabelos preto, udjus azul suma iagu di oceano, gargantes
corta-cortado suma puti de tchon-di-balanta
si curpo cheio suma kil di campune

Mindjer ku padi mangas de fidjus brancos ku pretos, na si morança
diferença ka tem ba lugar
di repente é envade si moransa
ku nome de visitantes
visitantes ku bim ku muntudo

Gossi mama ka panha pé di si fidjus
moransa padjiga,
dona casa ka pudi i sai na fala credo,
anta i kê,
até nha fiansas sta contra cumpanher
mindjer ka panha pé nim di si lenso
ku fara si panos
ma es i kalcoldade de barafunda

Mufunesa entram moransa
N´dado tudo kum um tchon precisa del,
tchuba, seco, iagu, terra pa labur
e fidjus inteligentes
Ma ntchutchidures ka da nha fidjus tempo
pa é admistra se riqueza
Ntem mar ku si diferentes pis,
matos verdes ku mangas de frutos
Ma ike nudade, i djusta,
bo dixa nha morança,
bo dixa nha fidjus em paz

Na pidi paz, justiça, intendimento ku reconsilhação
Ampus ...

Lagoa de cufada

A felicidade do povo foi-se com albatroz
Para o vasto território do bando sem vida,
Da minha querida terra apenas chega a voz
Dos gritos da passarada da lagoa aborrecida,
Que pena ouvir mesquinhos da nossa fauna
Presa e obrigada a ceder a sua água ao gásóleo
Do coletivo oligopólio que ameaça a fortuna
De um povo forçado a entregar o seu espólio,
Jamais a escuridão merece as almas libertadoras
Mas a biodiversidade guarda a era das almas
Ao projeto de iluminação não somos opositoras
Contudo, vale salvar ninhal nas áreas protegidas,
Dos parques da minha terra berram os pássaros
Obrigados a refugiar do seu bosque pitoresco
Nos interstícios da brisa ouvi a voz dos pássaros
Não eliminem as nossas vidas concentradas na lagoa
Socorro grita, o patrimônio mundial de UNESCO.

Justino Gomes

A tristeza do sapo

Que dá um salto
Nas ondas do planalto
Que nunca chega ao alto
Mas que não para de ressalto
Porque acreditava no sobressalto
E quer alcançar a verdade oculta
Que está escondida na caverna
Que não sai átona
E permanece noturna
Que pena!

Elizandro Fernandinho Có

A f i r m a ç ã o
i d e n t i t á r i a
“ n e g r i t u d e ”

Levanta a cabeça!

Querem te deixar para baixo
Dizendo que tu és o símbolo do fracasso...

Levanta a cabeça ooh mulher!

Mostre ao mundo onde a tua mente alcança
Porque tu lutas todos os dias e não descansas...

Levanta a cabeça!

Ontem, a tua energia era pouca
Pois, chamaram-te de louca
por querer limpar aquelas mentes sujas...

A luta continua...

Lá vens tu com essa tua mania de querer me redimir
Chamando-me de negra, kkkk
Cabelo duro e nariz grande

Mas eu te pergunto ????
De onde tu vens?
Porque eu sei que eu sou de lá e eu vim de lá...
Carrego em mim a minha identidade...

Eu sou mulher
Eu sou negra
Eu sou africana
Eu sou guineense.

África

Continente negro
A história proibida
A existência negada
Terra explorada e estuprada
Humanidade e identidade rejeitada
Eu sou a África
Mar de melanina
Guardião da história esquecida
Berço da humanidade
África de ouro, mina, marfim e diamante
Eu sou a África
Museu de arte viva
Reino da sabedoria
Tesouro das riquezas infinitas
Terra de culturas, de tradições e de línguas
Eu sou a África
Terra de mulheres e homens valentes
Continente de heroínas e heróis
Mundo de cores e diversidades
Palco de choros e alegrias
Eu sou a África.

Wilma João Nancassa Quadé

Negro poente

Camarada da luta
Camarada de dança da negritude
Tu que encantavas o teu povo
em nome do teu oriente!
Hoje negro já não és?
Ai negro!

A tua boca não fala mais o que falava
A tua mente não pensa mais o que pensava
Porém, tu és negro
A negritude te espera aí
Pois desta terra tu comeste
O que te fez ser negro
Negro imutável!
Ai negro!

Gladiador do teu tempo
Fazendeiro do teu povo

Mas lembre que
Daquela mesa tu não vais sentar
Daquele vinho tu não vais beber
Pois, tu és negro
Ai negro!
Tenha memória da tua negritude
Lança aguda
Negro de fora
O ser de dentro
Oh mãe negra!
Onde estão os teus filhos?

Sou negro, negro, negro e negro

África...

De tudo para nada
Foste reduzida
O Atlântico testemunhou
O desespero do teu ventre
Chicoteadas, água que molesta
Fizeram ouvir gritos

No fundo dos porões
Nas senzalas
Gritaram lágrimas negras
Para eles eram panteras

Quem disse que sou esse negro
Desde quando eu sou o tal negro
Não sou esse negro
Não o sou, não
O negro que chegou até vocês

Mas sou o guinéu que sou
Da verdadeira África sou
Sou o negro, negro, negro e negro.

Jamiro paulo sanca

Os negros

Sejam fortes ou fracos
Ricos ou pobres são crentes
Crentes na natureza firme
Que os bons vencem
Vencem sentados nas palavras sagradas
Coroadas de honra
OS NEGROS
De todos os cantos
Aclamam em heroísmo da alma pura e dura
Plantam sabedoria nos ramos da mente
Escura ou ardente
OS NEGROS
Cantam nos planaltos dos céus
Enchem rios e mares de amor
Cortam sombra de pecado e dor
Escrevem histórias nas folhas dos olhos
Com tintas da cor da sua bondade e dignidade.

Augusto Felix Gomes

Voltando as raízes

Mãe procurada e lançada no atlântico sem destino
Arrastada no obulum para o mundo sem rumo
Expulsada e volta humilhada com rosto húmido,
Contudo recebida sem julgamento!

As terras são contrafeitas de receber sem querer,
Porém o diálogo procura a dignidade com temor
E o terror sempre conquista o sofredor na tragédia!

Os filhos são humildados de baixo de raio do sol
Arrastados nas ondas das águas marítimas
Flutuando no ar como lâ no vento

Oh! Mãe, o seu destino foi retalhado na colisão do mundo
Porém, um dia, a sua existência será reconhecida!

Haverá o dia onde jamais será lembrado os cânticos dos pássaros!
O toque de trombeta do seu destino será como a dor de mulher grávida,
esquecida sem entendimento!

Ah! Mãe, o seu destino foi imposto na indigência de inocentes
E como a música inspirada sem interpretação
As suas lágrimas reclamam gênese de um sofrimento inventado,
Que tenha procurado o destino nas luzes do seu averbamento

Por mais que as aves despregassem do seu destino,
Nunca desconhecirão a sua estalagem
Ainda que as formigas caminhassem longe de seus domicílios,
Na tempestade, voltão para seus subterrâneos!

Cultura

A cultura é a minha identidade,
A água que suplanta sementes nos rios da minha progénie
Que nunca deixará de transbordar
O assentamento inveterado da alma presente,
Onde a geração da minha propriedade
Nunca se desaparecerá na minha mente

Glorioso será o destino alumiado pela sombra de meus ancestrais,
Que jamais será desmemoriado na alma vivente de matrizes
Que vislumbre a retidão da minha entidade.

*Ami, n sedu kil ku sedu,
Na metadi di kilis ku ndjutin,
Ma na mostra balur di nha difuntus,
Pa ka se bambaram pirdi si balur.*

Djibril cá

África

África amada
Minha esplanada
Meu cativo
No desespero
Minha confiança
Na desconfiança
Meu conforto
No desconforto
Meu abrigo
No desabrigo
Meu lar
Neste mar
Meu sossego
No mundo de desemprego
Minha esperança
Nesta dança
Minha salvação
Nesta condenação
Minha luz que me conduz na escuridão
África é a minha casa e o meu viver!

Elizandro Fernandinho C6

Onde está a nossa África?

Onde está a nossa mãe querida? Mãe da nossa sabedoria, mãe preta que cantaremos a nossa cor, Mãe que me gerou. no teu ventre nasci, nasci como rainha Okinka-pampa, nasci como Nelson Mandela, nasci com Malcon X, nasci como Dandara, nasci como Mariele Franco, nasci como rainha N'zinga, nasci como Abdias do Nascimento, nasci como Carolina Maria de Jesus e entre outros!

Mamã África, mãe heroína, mãe de uma beleza infinita do perto ao normal, mãe de tambores rico de fé, mãe dos encantados...

África, falando na voz do seu próprio filho, filho da pátria igual, filho de um universo de bem maior, filho de batuque dos tambores de encantos, encantos dos saberes ancestrais que traz a luz da cidade, cidade dos nossos mestres fortes!

ONDE ESTÁ A NOSSA ÁFRICA?

África de raiz de todo bem, raiz da nossa existência, existência da nossa sabedoria, sabedoria da nossa encruzilhada.

África, tu és fonte da nossa musicalidade, que a Bahia cante e encante nas encruzilhadas dos tambores, tambores que trazem a fumaça dos mensageiros!

África, mãe do sofrimento, sofrimento marcado pelo chicote do feitor, chicote que batia na senzala noturna, senzala que nutre o nosso ódio, ódio que deslize o nosso sangue, sangue que encanta a nossa dor de revolta!

África, o nosso medo está na pele, pele que cada um julga, xinga e bate, bate pelo racismo, racismo da história nojenta, história que segrega o nosso espaço, espaço que nos silencia, espaço que ainda somos julgados por cor da pele, nariz e o cabelo. Ó África! Dentro de um porão, porão da dor sentida na pele pelo os açoites da escravidão, dor perpetuada pela falsa abolição.

ONDE ESTÁ A NOSSA ÁFRICA?

A nossa África é roubada pelos colonizadores, colonizadores que contam a nossa história, história que a mídia repassa para nós, história que nossa academia naturaliza, história que igreja conserva, história de porcaria, história de oportunistas, fascistas ditos brancos, brancos de cabelos loiros, olhos azuis, brancos camuflados, isto é, mesmo branco que conta a nossa história? Não! A nossa história é contada mal e precisa ser recontada pelos seus próprios filhos.

ONDE ESTÁ A NOSSA ÁFRICA?

ONDE ESTÁ A NOSSA VERDADEIRA ÁFRICA ...?

Emílio Júnior

E x o r t a ç ã o

Utru ku utru na boka di utru

Boka di utru na papia di utru
Sintidu di utru diskuda na pensa utru
Utru ka lembra pensa na si kabesa

Utru na djimpini benten di utru
Utru na djimpini fugon di utru
Utru na papia di lope di utru ku fura na rabada,
ku nburuta di koba na si bokser

Tempu bai, tempu Bin
Sol konkoñi, serenu disi,
utru dia djimpini moransa
Sukundidu odjadu, Borgonha forka pitu
Pabia santidadi papiadu di el risu
Si kamisa bistidu na manga di festas,
Perfume ate tenta pudu, hummm!
Garandis kuma uniku ku kata konta mintida i ação.

Joselino Guimarães

É a hora

Chegou a hora de funcionar as cabeças,
Recuperar tempos perdidos,
Tempos de barbaridade,
Em busca de criar nova realidade.

É a hora de puxar todo para frente
Porque ninguém já quer saber,
Nem conhecer o que é mal e o que é bem
Tempo de esquecer todas as artes
É a hora da ação e não de palavras
Esquecer de todos os males praticados,

Se formos quatro cores da Bandeira,
Se a perdão dos vencidos for esquecida
Seremos vitoriosos da paz,

É a hora de recuperar as ideias,
E pôr em função.
De quem te sagrou e te criou Guiné
Quis que a terra fosse na união
Tudo o que pensou e criou Guiné

Chegou a hora de libertar os cansaços
Submetidos ao povo
E viver num Mundo dos Pássaros
Pastores da paz.

Veja além!

Inspirem pelos ventos do sul
Pensem em vocês mesmo
Realcem o que aprenderam desde lá
Acreditem e, nunca percam fé!
Vejam os que tanto desejavam simplificar a vida, e o fizeram!
Andaram num caminho em que a escuridão fala mais alto
Sozinhos e sem medo
Cadê o guião da esperança para eles?
Acredito que perdeu!
Acho que se passar os dias ela volta, volta mesmo!
Porque acreditar é um território
Ocupa lugar em nossa vida
Nos guia;
Nos alimenta o desejo;
E, nos faz pensar além!

Umaro Seidi.

Kirsi

Kirsi na tempu, pabia tempu na
bai na tempu
tempu na torna utru.
Mininesa di aonti dibidi sedu di aonti,
Pa i sikidu suma firkidja.

Kirsi, kirsi na sintidu
Ku intindimentu firmadu Sin djingui-djingui nin ñonki,
Ku udjus limpu pus di intindi kusas, Firmadu riba di fé sin liti di
mininesa na boka.

Aonti, i aonti ku si mininesa
Aos, i aos ku si maduresa di fasi kusas. Amanha i kil di sedu spidju di
utrus
Na manera di fasi kusas.

Kirsi sikidu
Bu sindji bu lumbus ku kusas limpu pus
Bu fortifika bu djudjus ku palavra di bardadi
Feti-feti bu pensamentu na bardadi di bardadis
Bu djunki riba di disidju di kirsi pa intindi,
Kirsi pa rapara, kirsi pa torna gros na manera di fasi kusas.

Ka bu ndjita kirsi, pabia kirsi
Dibidi sedu nan kirsi,
Ku manda 1 dibidi pupadu na si tempu djustu
Antis ki bin sedu 9.

Sonhador

Sonhador, sonhe!

As nuvens não podem calar os seus cantos

Sonhador, sonhe!

Nas noites claras, amargas e de lágrimas

Sonhador, sonhe!

Nas profundezas do mar, gemendo, gritando, pedindo socorro

Sonhador sonhe!

O espelho escuro que nem consegue ver mais a face!

Sonhador sonhe!

Este é o mar das fadas?

Cadê aquela árvore que canta os corações?

Sonhador sonhe!

Cadê a pedra que chama o deserto? Ela se perdeu.

Sonhador sonhe!

Sua profunda integridade liberta último suspiro

Sonhador sonhe!

Sonhar é um desejo que agrada o nosso instinto,

quando o nosso olho desaparece da claridade

Sonhador sonhe!

Ao acordar do chuvismo a minha mente carrega de tanta dúvida

Sonhador sonhe!

Espere, vá, onde está?

Elizandro Fernandinho Có

S o n h o

Destino do sonho

Eu encarro o mundo para minha meta
Meta que sempre sonhei
Meta de objetivos a serem alcançados

Eu corro atrás dos meus sonhos
Eu corro atrás da Liberdade e da Prosperidade
Eu corro atrás da Igualdade e da Solidariedade
Eu corro atrás de tudo que sonhei

Ainda me pergunto no meu sonho
De onde eu vim?
Até onde quero chegar?
O que eu quero para o meu futuro?
O que eu sonho para o meu país?
O que eu sonho para o meu povo?

Hoje é o dia de resgatar os sonhos
Aqueles mais perdidos e escondidos.
Indo atrás de tantas possibilidades

Assumo responsabilidades novinhas em folhas
Que essa nova fase me proporciona
Porque em uma vez, há mais de uma vez de tantos anos
Eu sonhei com esse dia.

Afonso José Mendes

Os sonhos sonhando sonhos

Os sonhos viajam pelos sonhos sonhados
Nos desertos verdes, construindo muros
Os aflitos caminhando seguros sob as luzes do brilho do sol
Os sonhos sonhando sonhos!

São vivas as testemunhas do sonhador
Pois, as montanhas acederam, o vento aclamou e o céu sorriu
As águas do mar em firmeza, o chão do deserto frio e sumiu
As vozes glorificando e humanizando
Fortificando e abraçando o mundo!

Os sonhos solidarizando sonhos
Voando em procura da pangeia perdida
A sabina e romana
Os sonhos nascidos pelos sonhos
Quanto os cordeiros pelos carneiros
Em silêncio marchando mais altos
Sonhando e tornando mansos bravos!

O grande Saara
Fazendeiro dos sonhos
Dono dos sonhadores
Sonhadores doadores!

O Nilo e o seu ritmo
O Tibre do Amúlio
O sonho do sonhador!

Ami i mininu

Desdi ku nlanta
Na nha soronda sintidu
Npassa manga di sakrifis
Kuta dam mas vontade di mpensa mindjor

Nes kudadi
Nsibi kuma ntem ku pega tesu
Na pensa nha aonte
Pa nkumpu nha aos
Paka nha amanha bim parisi paliti di fos.

I bardadi kuma sufridur kuta padi fidalgu
Ku manda kada dia kuna pasa
Nta luta ku tudu presa
Ku pensamento di odja utrus na bem
Ma ina tchiga kil dia
Pabia nha sunhu na dam forsa
Pa um dia nda nha kinhon
Pa bem di nha nason
Pa nha nomi torna kantiga di contentamento pa pastrus
Ku bentu na leba até na ntchanha.

Tejú Ducanda

D i s p i d i d a
“ d e s p e d i d a ”

Dispidida

Na tchigada di fuska fuska di mis di maio noba tchigam moransa
Ceu tinguidu kontra soronhasinhus pruntia na pirmiiti tchuba panu pretu
Na kil ora, n'tcholonadu noba di kuma dia tchiga
Kassabi barfatam pitu, korson intchidu di sufrimentu
Dispidida ka sabi
Na kil ora, n'rabida pa tras ndjinpini pa ladu ma só diante ki sobra
Ndjunna n'disdja mandjuas kontra nim nka mara n'buludjus
Larma intchim udju kum suma mar di fora
Ku sintidu nbariadu pabia di kudadi di si kontra nkamba oceano na otcha
gassidju
Dispidida ka sabi
Na obulum di mis di maio, alam na boia pa mundu ku nka kungsi
Bedjotis kuma i distinu
I el poh malgos nim pó madronha di matus di tchom
Garganti fitcha kumi, nim fala di tchora
Pa kamaradas ku nbarsa pa ultimo bias i pa kilis ku ndispidi pa nunca
mas
Dispidida ka sabi
Kontra na sana tchau-tchau pa tudu ku aonti i dimi
Kassabi di pirbita lugar nunde ku tudu i di selis
Tchibini tchibinidu nim djitu di toka ngunbé nka tem mas
I resta só noba medunhu di firkidjas ku mortu na leba
E ma dispidida kassabi.

Wilma João Nancassa Quadé

**Canto à Guiné-Bissau,
à Guineendade e ao
povo guineense**

Perdido nessas escritas

Nestas águas calmas e infinitas
Afogando a dor que aquele dia suscita
Gerou tanta dor que até hoje persiste
Neste coraçãozinho de voz sublime
Que chora com aquele que outro oprime

Para os oprimidos faço canção
Da Paz, eu quero ação
Para o problema imploro solução
Eu sou a força da comunhão

Já chorei pela minha nação
Ainda choro pelo meu irmão
Que suplica por um pedaço de pão

Ando de coração amarrotado
Sofri tanto, meu coração entristeceu-se
Em lágrimas minha alma volveu-se
Vivo pasmado
Sempre triste
Meu coração insiste
Pelo meu povo
Que espera pelo mundo novo

Mundo esse sem fome
Onde o amor vai se chamar pelo próprio nome
Eu sou a cor da Guiné
Minha alma é Gumbé
Sou retalho de sons

Dos bons
Eu sou toque dos balafons...

Ah! Hoje sou toque de tambor
Anunciando guineendade
Paké i hora di mandjuandadi
Pa Guiné bai ronka si badjudandadi

Eu sou vendedor de utopias
Já não há espaço para distopias
Já não vou choramingar
Vou cantar...
Através do meu canto a esperança levar

Vou anunciando o impossível
E transformá-lo em possível
Pois o mundo muda a cada gesto que dou
Já sei quem sou.
“Sou aquele por quem se espera”...
Vendedor de sonhos

Meu povo precisa sonhar...
Acordar...
E realizar...

Eugenio Nunes Correia

Sedu Guineensi

I sinti orgulho des pais
Ku manda kada unson di nos
Tem ku pensa si rais
Pa kumpri si mison

No tem ku djunta no mon
Na um pensamentu dentru di no korson
Pabia anos i unson
Nhor Deus tisinu e nason
Pa kada kim pudi da si kinhon
Fidjus di bom djorson
Kontribuison sta na no mon
Es tera kana kumpu pa strandjeru
Pabia eka mas nos djiru

Ma no diskuda na kil um kunfison
Nin tempu ka tem pa sumia fison
No rabida nona vira vira Sim direson
Ala i tisinu tenson
Pabia futserus djanfanu morança
E kalantanu no sperança.

Sedu Guineensi
I limpa Mama Guiné lagriamas
Pa tira mininus djighans
Pa firbinti padidas madronha
Pa mata sedi di lante-ndans ku binin-ndans
Pa Mama Guiné pudi dadu si balur.

Guiné-Bissau

Terra dos guinéus
De corações alegres
Das florestas
Dos mares
Das chuvas

País que de Boé floresceu
Pois o suor venceu
Depois que amargura bateu
O assaltante de longe perdeu
Restou o chapéu

O assaltante de perto usou
O povo prostrou
Do seu filho lacrimou
Pois, o ódio reinou
O sol
A lua
As estrelas

A escuridão se firmou
O destino frustrou
A banda rasgou
A esperança quase escapou

Jovens
Não mergulhem nos seus legados venenosos
Sejam discernidos
Lutem para o ressurgimento daquilo que vocês são a força motora...

Firkidja di no Kampada

Alicerce da nossa casa!

Tu és Andorinha que voa sem descansar
Tu és a chuva da pedra que bate nos corações
Com tua voz treme as criaturas vivas
E ressuscita as mortas!
Firkidja di no campada!

Durante à noite os teus sentidos viajam
Os teus olhos abertos
Assistindo e escutando clamores do teu povo
Um povo ainda no deserto
Deserto que nem parece o certo Firkidja di no campada!

Com a catana e enxada na mão
Sem almoço, partindo para o campo
Debaixo do sol e feridas
Cuidando sempre das tuas frutas
Frutas cultivadas na tua campada
Firkidja di no campada!

Aqui está bambaram
Aquela com a qual tu seguras na tua costa o teu sonho
És a água de vida para aquelas lindas crianças
Crianças daquela terra sofredora e vitoriosa, terra dos teus avos!
Firkidja di no campada!

De longe tu gritas
Gritos que mesmo o pacífico escuta

O atlântico silencia
Pois, tu que falas
És o encanto que acorda o verão
E para as nuvens
Firkidja di no campada!

Viveu ontem
Vive hoje
Embora, amanhã o tempo te convide
Contudo o mundo não apage
Firkidja di no campada!
Firkidja di no campada!

Yanique Nanque

Avante Juventude

Olheiros dos nossos lares
Arguidores dos nossos destinos
Vanguardas da nossa muralha destruída
Apreciadores de um futuro próspero
Pacificadores dos conflitos crônicos

Germinadores da verdadeira palavra paz
O diálogo entre eles será mais precioso de que ouro
Onde os seus corações vão compreender mesquinhos dos pobres
Eles que vão espalhar sorriso entre guineenses
Ar de saber fazer incorpora os seus pensamentos positivos

Salv guarda de uma nação que a sua lágrima brota pela terra
Vontade de mudar prevalece dentro do seu interior
Brilho do sol fortalece de desmatar corrupção que sucumbiu dentro de ti
Esperança de encontrar grito de luz no fundo de túnel
A sua voz da luta será lembrada ao noitecer da esperança em ti

Por mais que trovada da incerteza seja imaginário dos guineenses
Para ela tudo vai passar quando seus ombros compreenderem palavra
união
Juventude alicerce de uma pátria cicatrizada
Cujo destino entregue ao pássaro clandestino
Sem explicações cabíveis...

Fatumata Djarai Baldé

U n i l a b

Unilab

Sou a Unilab
Mãe da diversidade cultural,
Da integração internacional
De mim se aumenta a consciência
Se procura a inteligência
Para dar a sabedoria
E expulsar a ignorância

Tenho prazer de abraçar os alunos
E libertá-los das dúvidas
As que caiem lá do Céu
O que não pode ser dito
Manuseia os livros e revistas
Encontra o que é dito
Que existe as coisas sonhadas

Para quem tem todo o prazer
De ler, escrever, imaginar
E facilitar proeza do futuro,
Das nossas vidas palpitadas,
Iluminadas pelas imagens de oiro

Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique,
São Tomé, Timor, Brasil cadê Portugal?
Vamos penetrar e criar força do destino
Que nos traz UNILAB.

Domingos Malú Quadé

Se não for estuprador é assediador

Na minha palhota recheada de boatos, sem evidência
Tudo é baseado na explicação de vítima sem ouvir o suposto...
Informação alheia acompanhada de ódio sem retrocesso
Grito da falsidade perante amizade de hipocrisia
Os olhos chamam integração, enquanto nos oferecem camisola de
estuprador

Na minha palhota, nem consigo amamentar minha alma com sossego
Assédio transformou-se numa música com melodia de estuprador
O hino que sai das suas bocas, UNILAB é responsável
Com interesse oculto, sustentando explicação viciada
Pela dor do privilégio de outro, que incomoda, os pássaros
Com máscara de integração, enquanto é desintegração

Na minha palhota, cada noite se fomenta algo inconveniente
Lá existe silêncio de um caso, enquanto outro não
Onde quem fala primeiro já é incorporado a razão
Enquanto princípio de presunção de inocência é ignorado,
sem ter explicações cabíveis
Enquanto ódios nos corações fazem barulhos como dança de forró.

Mamadu Nanque

Nos palmares - 4

Na madrugada de cansaço, lá eles chegaram, “OS MARACANÃS”

Os benvindos começaram a gritar o estranhamento, o estranhamento que silencia a nossa conformidade. Os maracanãs são marcados com pulseira de plástico na mão, que simboliza o prisioneiro da casa. Nos palmares 4, os maracanãs começaram a cantar a beleza do Brasil, os homens e as mulheres começaram a fazer juramento aos encontros dos novos candidatos. É no palmares 4 que os maracanãs são convidados pelos candidatos sedutores, candidatos sem canetas e folhas, candidatos de “*kafumbam*”

Nos palmares 4, os maracanãs são inocentes da verdade da mentira, verdade de curto tempo, verdade da vergonha nacional.

No maracanã, os homens gostam de assistir palestras e as mulheres gostam de ir com os candidatos para supermercado e para farmácia. No segredo da especulação, os maracanãs descobriram a verdade da mentira. Nos palmares 4 sempre haverá padrinhos e madrinhas que vão dar o afilhado presente.

Os maracanãs não sabem falar a nossa língua, língua que todos falam na aldeia.

Os maracanãs sempre andam em grupo, como hospedes da casa, eles são brincalhões de tabanca.

Os maracanãs sempre são cegos e surdos de ouvir as histórias dos palestrantes da rua.

Nos palmares 4, alguns conseguiram pegar aquelas cegas, porque a madrinha e padrinho sempre as convidavam para o jantar de gala.

Emilio Júnior

L i b e r d a d e

A liberdade

A liberdade está no amor,
Quando choro de alegria
Alegria está nos beijos,
Quando tomo copo da liberdade

A liberdade estava na alegria,
Quando todos brincavam
E a respiração nascia

A liberdade está no relógio,
Quando toca o tempo
E a chuva cai

A liberdade está no sol,
Quando nasce e se vê

A liberdade está nas nuvens,
Quando chove todos os dias,
As ervas nascem e riem
E as nuvens escurecem.

Domingos Malú Quadé

**Canto à terra e ao
poder sobrenatural**

Mãe

A nossa terra a nossa *firkidja*
Terra minha, Terra nossa,
Terra mãe, musa amorosa, linda encantadora que transborda rosa!
Reluzida pelo sol, agraciada pelas estrelas
que singelos olhares aceleram
ao relevo os corações elevam.
Terra minha,
Terra nossa,
lavada pelo derramamento que chove,
pelas correntezas dos rios que rebolam,
pelo atormento dos oceanos que veem e vão.
Terra nossa,
erguida pelos montes,
Soprada pela brisa que perpassa os hemisférios,
É você terra, a nossa *firkidja*
Mãe solteira
que amamenta 7 bilhões de filh@s.
Mas é você mãe,
infelizmente, alegre entristecida
pelos filhos de mentes perdidas,
que do seu sorriso fizeram pranto de sangue,
no seu doce coração detonaram o fel amargurado,
que ofuscaram o deslumbramento da sua face!
Filhos que ousaram cortar o cabelo seu,
fabricar a seca e desferir a glote dos inocentes,
mas é você, nossa terra, nossa mãe,
ainda é você
a nossa *firkidja*,
de sorriso híbrido,
ainda mortos nos acolhe.
Firkidja garandi.

Flor do sol

Em ti

Silêncio mórbido

Banha o olhar triste

De uma lembrança feixe de amarguras

Que fermenta a alma inundada de veemência

Fora de mil checape de amor

Debaixo de chuvaradas

Noites e dias de pedras

Firme sempre numa porção carbúnculo

De interpretar som das nuvens e sombra do deserto

Em ti

Esse deserto enche de sorriso verde

O desespero venera sua resistência

A mortalidade respeita sua nascença

Escuridão desaparece com sua divindade

Os pastros segregam líquido pela sua tristeza

Os Adãos procuram nas Evas toda sua pureza

Os rocheados acudam-te com um abraço feito de consolo

Passado vai-se taciturnar na sua presença ...

Augusto Felix Gomes

**Um instrumento
poderoso**

O que me vem n'alma

É essa calma
Que encontro na tua chama
Quando te escuto me envolvo neste drama

Essa sua fama
Consome e chama
Corações à sua praia
Faz escutar a alcateia

Porém nado em ti tranquilamente
Pois, só júbilo traz a minha mente
Quero nadar em ti constantemente
És o que eu preciso, és o passaporte

A chave da utopia
És ritmo, harmonia e melodia
És tu poesia
A cor da alegria.

Eugênio Nunes Correia

Quero escrever para não esquecer

Empresta-me uma caneta!

Dá-me uma folha!

Eu quero escrever

Quero escrever poesia para expressar meus sentimentos

De modo a deixar escrito meus pensamentos para a geração vindoura

Quero escrever

Quero escrever textos dissertativos para criticar sistemas caducados de governação do meu país

Para dar a minha nobre contribuição em críticas e soluções que, segundo eu, são viáveis.

Quero escrever

Quero escrever contos para te contar que nasci num país de sul rico em conhecimentos tradicionais, mas que foram abandonados em face ao desenvolvimento do Norte.

Quero escrever

Quero escrever textos jornalísticos para te informar que ainda hoje temos Amílcar Cabral,

Kwame N'krumah, Agostinho Neto e outros.

Mas que não têm oportunidades de demonstrar seus saberes devido ao mau espírito dos que lá estão.

Quero escrever romances para te falar do meu amor que tenho pelos meus pais e ao meu país, e ainda para te contar que amei, chorei e lagrimei por uma menina linda que roubou meu coração e ainda furtou meus pensamentos.

Quero escrever

Quero escrever fábulas nos quais vou narrando histórias dos nossos maus governantes trazendo-lhes em personagens, *suma lubu ku lebre*.

Quero escrever

Quero escrever um Apólogo em que tratarei dos objetos roubados nas instituições do Estado e, sobretudo, na presidência da República e no parlamento do meu País.

Enfim...

Eu quero escrever sobre a situação da mamã Guiné, da minha família, da minha vida e, sobretudo, dos assuntos que abalam meu coração.

Quero escrever;

Quero escrever...

Umaro Seidi

**C o m p l e x i d a d e
d o “ e u ”**

Pensamentos de um louco

Já pensei em coisas pensáveis, pois, não reveláveis
Falo comigo mesmo sobre as loucuras, as loucuras
Que não posso falar só pensar, as loucuras
Que nem os psiquiatras podem encontrar a cura.

Já pensei em abraçar a negra nua ou andar pelado pela rua,
Experimentar a verdadeira liberdade de externar o meu eu,
Eu que o mundo nunca conheceu. Já pensei em não pensar
Em o que eu penso porque não é o que o mundo quer ver
Nem ouvir o mundo não quer saber do meu íntimo.

Mas essência da loucura jamais pode ser exibida ou
O hospício vai tornar, será um vício de palavras
Repetidas, entendidas e desentendidas sem nenhum
Louco da sanidade para ouvir

Culpa dos meus pensamentos, mas se os pensamentos
É que tornam a pessoa louca. A sanidade é que deve
Ser louca por exhibir quem não somos e nunca seremos.

Se eu falasse tudo que eu penso, se pudéssemos falar tudo
Que pensamos? O louco seria aquele que não falasse.
Sou sã para que ninguém saiba e louco para fazer isso.

Joel da Silva

Rebeldia

Já sofri tanto na alma
Que agora não sinto mais
nada na carne.

Joel da Silva

I l u s ã o

Nasceu um dia

Um dia nasceu
Tem crescido em vários dias
Rindo demasiado de graça
Oferecendo e recebendo em massa
Abraçando e sentindo tudo boa
Esquecendo e fingindo esquecer por nada
Querendo e continua querendo o mel
Alegrando e palpando o anel
E quando a oeste se vira leste
Quando a terra enche que o mar
Gritos de vedar, despedida sem pasmar
Embora assim, o coração chore!
Bem merecido o nome em cima da água sagrada.

Luizinho Jorge Cá

G r a t i d ã o

Obrigado!

Obrigado!

Obrigado, porque com os teus ombros possui olhos de água

E consigo andar *na tchon seku kinti uit di disertu.*

Sin utru, utru i ka utru, utru kuta fasi utru sedu utru.

Obrigado!

Si nsedu alquin i pabia alquin fasin pa nsedu alquin,

Si alquin fasin pa sedu alquin, pabia ku na fala nka prisisa di alquin,

Suma si kontra, i ka alquin ku fasi nsedu alquin?

Obriagado!

Alquin fasin pa sedu alquin,

Obrigado!

NPrecisa di alquin, ndibidi kuida di alquin!

Joselino Guimarães

Bibliografia dos/as autores/as

Afonso José Mendes

Nasceu no dia 09 de outubro de 1990, no setor de Canchungo, região de Cacheu, Norte da Guiné-Bissau. É Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB). Atualmente, licenciando em pedagogia na mesma universidade.

Anéximandra da Silva

É bacharelada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). No momento, está em andamento a sua licenciatura em Sociologia na mesma universidade. Nasceu em Bissau, capital da Guiné-Bissau, no dia 19 de dezembro de 1995.

Anilsa Lima Almeida

Graduou-se em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Nasceu em 16 de setembro de 1992, em Bissau. Atualmente, é licencianda em História na mesma universidade.

Augusto Felix Gomes

Nascido no dia 22 de dezembro de 1995, em Bissau (Guiné Bissau), é técnico formado pelo SENAI GUINÉ BISSAU-BRASIL na área de eletricidade predial. Atualmente é graduando em Engenharia de Energias pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Djibril Cá

Graduado em Humanidades na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); licenciando em Sociologia na mesma instituição. É bolsista de Programa Institucional de bolsa de Iniciação à Docência-PIBID. Nasceu em Prabis, região de Biombo, República da Guiné-Bissau, no dia 01 de janeiro de 1990.

Domingos Malú Quadé

Natural de Quinhamel, Região de Biombo, norte da Guiné-Bissau, nascido no dia 31 de dezembro 1989. Bacharel em Administração Pública pelo Instituto Politécnica São João Bosco, Guiné-Bissau em 2009. Licenciado em Ciências da Natureza e Matemática na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

Elizandro Fernandinho Có

Nasceu em Pecixe, região de Cacheu, Norte da Guiné-Bissau, no dia 23 de outubro de 1998. É graduando em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Eugênio Nunes Correia

Licenciando em Letras/língua-portuguesa, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), nascido em Bissau (Guiné Bissau) no dia 23 de outubro de 1996.

Fatumata Djarai Baldé

Bacharelanda em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Nasceu aos 07 dias de março de 1995, na região de Tombali, sector de Quebo, República da Guiné-Bissau.

Jamiro Paulo Sanca

É graduado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licenciando em Sociologia na mesma Instituição. Nasceu no dia 23 de maio de 1988, em Tite, Região de Quinara, Sul da Guiné-Bissau.

Jeremias Demba

Licenciado em Letras Língua-Portuguesa, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), nascido no dia 29 de maio 1995 em Bissau (Guiné Bissau).

Juel Da Silva

Nasceu em Bissau (Guiné Bissau) no dia 21 de agosto de 1986; graduado em Administração Pública pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Joselino Guimarães

Nascido no dia 20 de maio de 1988, é natural de Biombo, Norte da Guiné-Bissau. Filho de Roberto Guimarães e de Maria Odete Gomes Ié Da Silva. Licenciado em Letras-Língua portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Justino Gomes

Natural de São-Domingos, região de Cacheu, Norte da Guiné-Bissau, nasceu 14 de outubro de 1992. Concluiu curso médio em administração, no Centro de Formação Técnico Profissional São Leonardo Murialdo em 2013; Graduado em Humanidades e licenciando em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Liliane Alice Pereira Manso Resende Costa

Está em andamento a sua Graduação em Engenharia de Energias na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Ela é natural de Bissau, República da Guiné-Bissau. Nasceu no dia 27 de março de 1994.

Lucas Jaime Indi

Formado em Humanidades pela universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licenciando na sociologia na mesma universidade. Nasceu em Quinhamel, região de Biombo, Norte da Guiné-Bissau, no dia 18 de Julho de 1993.

Luizinho Jorge Cá

Nascido em Blimblim, sector de Biombo região de Biombo, no dia 14 de dezembro de 1993. Graduado em Humanidades e licenciando em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Mamadu Nanque

Bacharelado em Humanidades pela universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licenciando em História na mesma universidade. Nasceu em Bissau, no dia 27 de maio de 1988.

Mariama Cassamá

Nasceu no sector autónomo de Bissau, Norte da República da Guiné-Bissau, aos 17 dias de janeiro de 1997. É graduada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e licencianda em Pedagogia na mesma universidade.

Moisés Domingos Correia

É da nacionalidade guineense. Nasceu no Sector Autônomo de Bissau, no dia 15 de dezembro de 1997. Fez o curso de aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pelo Grupo de Professores de Língua Portuguesa-AJALV; Graduado em Humanidades e licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Ricardino Jacinto Dumas Teixeira

Docente da UNILAB e pesquisador junto ao Council for the Development of Social Science Research in Africa (CODESRIA), em Dacar; ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, na Guiné-Bissau (INEP); ao Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), em Portugal.

Samuel Adelino Ié

Licenciando em Pedagogia na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Graduou-se em Humanidades pela mesma instituição. Nasceu em Bissorã, região de Oio, Norte da Guiné-Bissau, no dia 18 de fevereiro de 1990.

Tejù Ducanda

Nasceu em Bissau, capital da Guiné-Bissau, no dia 14 de outubro de 1996. Bacharelada em Administração Pública pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Umaro Seidi

Estudante de Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). É natural de Bissau, Norte da República da Guiné-Bissau, nasceu aos 17 dias de fevereiro de 1993.

Valeriano Djú

Terminou o Curso Médio de Contabilidade e Gestão pela Escola Nacional de Administração (ENA), Guiné-Bissau. Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB; Licenciando em Sociologia pela mesma instituição. Nasceu aos 26 de agosto de 1989, em Safim, região de Biombo, Norte da Guiné-Bissau.

Wilma João Nancassa Quadé

É natural de Bissau, Republica da Guiné-Bissau. Nasceu no dia 24 de setembro de 1995. Graduada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Atualmente, está em curso a licenciatura em Sociologia na mesma instituição.

Yanique Nanque

Nascido em Guiné-Bissau, na região de Biombo, secção de Bijimita e sector de Quinhamel aos 28 de fevereiro do ano de 1995. Graduando em Humanidades pela Universidade da integração internacional da lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org